



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM AMBIENTE ESCOLAR: A PRÁTICA DE
JOGOS COOPERATIVOS**

NATÁLIA VANESSA ABREU DE ALBUQUERQUE

BRASÍLIA-DF, DEZEMBRO DE 2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM AMBIENTE ESCOLAR: A PRÁTICA DE
JOGOS COOPERATIVOS**

NATÁLIA VANESSA ABREU DE ALBUQUERQUE

BRASÍLIA-DF, DEZEMBRO DE 2011

NATÁLIA VANESSA ABREU ALBUQUERQUE

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM AMBIENTE ESCOLAR: A PRÁTICA DE
JOGOS COOPERATIVOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, dezembro de 2011

NATÁLIA VANESSA ABREU ALBUQUERQUE

**EXPERIENCIAS PEDAGOGICAS EM AMBIENTE ESCOLAR: A PRÁTICA DE
JOGOS COOPERATIVOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

À minha família que esteve sempre me apoiando durante toda a trajetória do curso de pedagogia, mostrando empatia e compreensão, me dando forças para seguir confiante, e valorizando sempre a educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que foi sempre uma grande fonte de perseverança em toda a minha vida.

À minha mãe que se mostrou sempre presente e disposta ajudar, compartilhando sua experiência como pedagoga, e meu pai que se disponibilizou a estender a mão sempre que houve necessidade.

À minha irmã que mesmo tendo suas dificuldades em seu curso, pode me acompanhar e orientar durante momentos difíceis.

Ao Iran que sempre acreditou e me apoiou muito, mostrando carinho, compreensão, amor e companheirismo.

Aos colegas de curso que estiveram ao meu lado durante a realização de tantos trabalhos e que me deram conselhos valiosos em relação ao curso.

Aos professores e disciplinas pelas quais passei, que me fizeram ter momentos valiosos de amadurecimento e aprendizagem. Em especial agradeço a professora Sônia Marise com seu projeto de Economia Solidária que foram o ponto alto de minha caminhada pelo curso, além de me orientar da melhor forma possível nos momentos certos.

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.....	9
APRESENTAÇÃO.....	10
PARTE I: MEMORIAL.....	11
1. Nascimento e infância.....	12
2. Mudança e ingresso no ensino fundamental ó séries iniciais.....	13
3. Ensino Fundamental séries finais.....	15
4. Ensino médio e PAS.....	18
5. UnB ó Pedagogia.....	23
PARTEII: MONOGRAFIA ó EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM AMBIENTE ESCOLAR: A PRÁTICA DE JOGOS COOPERATIVOS.....	26
CAPÍTULO 1: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA, EDUCAÇÃO E JOGOS COOPERATIVOS.....	27
1.1 Reflexões sobre a Economia Solidária e a Educação.....	27
1.2 O jogo como facilitador de aprendizagem.....	35
CAPÍTULO 2: RELATO DE OBSERVAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR.....	45
2.1: Relato das observações sobre a escola.....	45
2.2: Relato sobre a sala de aula.....	49
CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DOS JOGOS COOPERATIVOS.....	54
3.1: Descrição dos jogos.....	54
3.2: Aplicação dos jogos cooperativos.....	56
3.3. Considerações sobre as oficinas de jogos cooperativos.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	64
Anexo 1. Jornal elaborado pelos alunos.....	64
Anexo 2. Questionário aplicado para funcionários da escola.....	66
Anexo 3. Fotos dos momentos de oficina na escola.....	69
PARTE III: PERSPECTIVAS PARA A MINHA ATUAÇÃO APÓS A GRADUAÇÃO.....	71
Propostas para o Futuro como Pedagoga.....	72

ALBUQUERQUE, Natália Vanessa Abreu de. *Experiências pedagógicas em ambiente escolar: a Prática de Jogos Cooperativos*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2011.

RESUMO

Este trabalho divide-se em três partes: 1) Memorial descritivo da trajetória escolar vivida incluindo o curso de pedagogia e a escolha do tema aqui apresentado. 2) Ensaio discutindo a importância da inserção de Jogos cooperativos no espaço escolar a partir da realização de 10 oficinas de jogos cooperativos voltados para uma educação de valores. O trabalho descreve as experiências vividas em ambiente escolar, observações e coleta de dados sobre o projeto escolar além dos resultados da aplicação de 10 jogos cooperativos e confecção de um jornal com uma turma escolhida. Esta experiência ressaltou atitudes de cooperação e solidariedade favorecendo a produção do conhecimento de maneira prazerosa. 3) Perspectivas profissionais e o rumo pretendido para seguir após a graduação. Tomando a formação continuada como opção e visando sempre exercer uma prática pedagógica farta de valores solidários e com a preocupação em formar cidadãos conscientes e cooperativos.

Palavras-chaves: Prática pedagógica, Jogos cooperativos, Educação.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho está organizado a partir do meu memorial, que conta um pouco da minha vida e a trajetória que fiz até chegar ao tema escolhido que discute a importância da inserção do lúdico no espaço escolar, e mais especificamente a inserção de jogos cooperativos. Na segunda parte deste Trabalho Final de Curso o tema foi pensado a partir da proposta de um jogo voltado para uma educação de valores.

Pensar em uma educação formativa competitiva no modelo de produção capitalista seria incoerente, por isso busquei na Economia Solidária uma alternativa que propiciasse a formação de um sujeito autônomo e consciente, agente modificador de sua realidade social, por meio dos seguintes princípios: cooperação, solidariedade, democracia.

Construí ao longo dos capítulos um quadro teórico para fundamentar o tema escolhido, o que permite ao leitor a compreensão dos assuntos abordados. Um estudo sobre a Economia Solidária, com a utilização do lúdico, na prática pedagógica, por meio dos jogos cooperativos, que contribuem para processo de ensino-aprendizagem, de maneira prazerosa.

Diante das práticas tradicionais encontradas nas escolas, muitos educadores recorrem a ludicidade na tentativa de modificar a sua metodologia de ensino. Entretanto, propiciar aos alunos a vivência desse instrumento de aprendizagem não significa fazer um mero ajuste do plano de aula, é preciso ter o conhecimento e o domínio dos recursos que serão utilizados.

Faço a reflexão das experiências vividas em uma instituição pública, e através da observação e da prática, pude elaborar oficinas de jogos na educação infantil, em uma turma de 3º ano. Apresento os jogos que foram desenvolvidos e de que forma eles puderam contribuir para o ensino de valores solidários.

Ao final da experiência também foram elaborados um jornal com os alunos e um questionário com professores e funcionários da escola para entender como os projetos escolares funcionam e qual a sua importância para humanizar a educação. Terminei apresentando na terceira parte as minhas perspectivas profissionais.

PARTE I
MEMORIAL

1. Nascimento e infância.

Nasci no Ceará em 20 de novembro de 1990, filha de Francisco Dário Braga de Albuquerque e Antonia Francineire de Abreu de Albuquerque e irmã de Úrsula Dagmara Abreu de Albuquerque. O meu nome foi escolhido por causa do mês em que nasci e a proximidade com o Natal, então ficou Natália Vanessa Abreu de Albuquerque. Meu pai nessa época já era formado em administração e trabalhava em um Banco. Minha mãe não era formada, mas já tinha trabalhado em diversos locais e inclusive teve uma loja de roupas, porém logo depois de nos ter, ela resolveu ser dona de casa.

Meus pais, minha irmã e eu morávamos em uma casa no bairro de Maraponga. Lá eu e minha irmã estudamos em escolas particulares perto de casa. Ingressei na escola com um ano, mas pelo que minha mãe me falou eu não gostava nem um pouco de frequentar a escola. Foi tanta a aversão que ela resolveu esperar mais um pouco para tentar me inserir na escola novamente. Com dois anos então meus pais me colocaram na escola e tive que frequentá-la mesmo não sendo do meu agrado.

Eu gostava de morar em Fortaleza, tinha amigas no bairro e brincava muito na rua e em casa. Minha irmã, eu e amigos do bairro nos divertíamos muito, tomávamos banho de chuva, andávamos de patins, e vivíamos comprando doces na venda que havia lá perto. Além disso, meus pais costumavam fazer festas de aniversário e a família estava sempre presente. Uma das minhas brincadeiras preferidas era subir e descer a laje de casa. Infelizmente numa dessas acabei caindo de lá.

Foi um susto muito grande para meus pais, quando me encontraram, pois eu estava desmaiada e eles não sabiam a quanto tempo. Porém logo acordei, sofri apenas cortes no queixo e abaixo da boca. Levei alguns pontos e depois disso fui para casa. Para garantir que não fosse acontecer de novo, meus pais cerraram as escadas de ferro da laje, assim eu não poderia subir. Uma pena, pois eu gostava muito de ficar lá. Mas foi pro meu próprio bem.

Minha família por parte de pai morava em Fortaleza e a parte materna em um sítio no interior do Ceará. Meus avós e tios maternos moravam neste sítio e de vez em quando íamos visitá-los. Foi lá que aprendi a andar de bicicleta, brincava de boneca, de Barbie, brincadeiras de roda, bola, pião, bolinha de gude, e muitas outras brincadeiras. Era sempre divertido visitar meus avôs, tios e primos. Naquela época meu avô ainda era vivo, e desde cedo me ensinou o

valor do dinheiro, me dava algumas moedas e falava sobre a diversidade de coisas diferentes que aquelas moedas poderiam comprar.

O tempo ia passando e eu com três ou quatro anos ainda não gostava da escola, preferia ficar em casa. Hoje em dia, de fato, não me lembro o que poderia ter de tão ruim para que eu não gostasse tanto da escola. Com cinco anos eu inventava várias desculpas para não ir à escola, dizia que estava doente, que não ia ter aula e até que a professora me castigava. O que me lembro muito era de desenhar na escola, não recordo de mais nada além de fazer vários desenhos e pinturas.

Na minha família temos várias pessoas que desenhavam bem, pintavam quadros como meu avô paterno, meu pai, entre outros. Sempre tive facilidade em desenhar também, e acho que fui desenvolvendo essa habilidade desde essa época do ensino infantil. Hoje em dia ainda gosto de desenhar e a maioria dos desenhos e pinturas que faço são infantis, para enfeitar a sala de aula ou algo pessoal.

Outra coisa de que gostava muito era de animais, e tínhamos um coelho de estimação, como ele era lindo! Fofinho, com olhinhos vermelhos, parecia de pelúcia, tudo que uma criança adoraria ter! Cuidamos dele por um bom tempo, até que ele morreu. Lembro de ter ficado muito triste e perguntei o que tinha acontecido. Disseram-me que ele havia comido uma planta envenenada no jardim! Passei muito tempo sem nem tocar na plantas de lá. Depois disso os únicos animais que tivemos foram peixes e passarinhos, que não eram muito divertidos, mas davam bem menos trabalho.

Tenho poucas recordações dos meus anos iniciais, entretanto essa foi uma boa fase de minha vida, com a presença constante de familiares e colegas do bairro. Foi certamente uma fase de bastante aprendizado a partir de vivências e experiências compartilhadas.

2. Mudança e ingresso no ensino fundamental ó séries iniciais

Em 1996 meu pai foi transferido pelo Banco do Brasil para trabalhar em Brasília, que oferecia melhor salário e qualidade de vida. Nós mudamos então para um apartamento, e senti rapidamente a diferença entre a antiga casa e um apartamento. Lembro que falava para minha mãe que queria ir pra casa, contudo aquele apartamento era nossa nova õcasaõ. O apartamento ficava no Cruzeiro Novo, e não tínhamos a mesma privacidade que se tem em casa.

Nesta época comecei a estudar em escolas públicas, a escola escolhida foi uma perto de casa, que ficava no Cruzeiro Velho. Ingressei então no Jardim III. Tive muita dificuldade para me adaptar. Percebi também que tínhamos atividades diferentes, cuidávamos de uma horta, fazíamos colagens e recorte, brincadeiras do parquinho além de desenhos e pinturas. Essa também era a época de aprendermos o alfabeto e os números. Eu não tinha muitas amizades na escola, e esse era um fator para eu não gostar muito de frequentá-la.

Já no bloco onde morávamos eu e minha irmã tínhamos uma amiga. Nós três adorávamos brincar de boneca, Barbie e fizemos até um clube só nosso. Inventávamos apelidos e brincadeiras, uma vez colocamos várias cadeiras na sala e cobrimos tudo com lençóis para termos uma caverna. Dançávamos, cantávamos e fazíamos apresentações de teatro e dança para nossos pais. Com certeza a brincadeira foi muito importante para explorarmos nosso lado extrovertido, bem humorado e afetuoso.

Fazíamos ensaios para as peças e danças, cozinávamos brigadeiro e quando alguma de nós ficava doente, a gente brincava de médico para tentar melhorar a situação. Aprendemos muito umas com as outras e nossos pais também ficaram muito amigos durante essa época. Todavia, quando tínhamos nos acostumado com o novo lar, tivemos que mudar de apartamento. Meus pais queriam um apartamento próprio, sem contar que o prédio onde estávamos morando estava infestado de escorpiões, já havia acontecido vários casos de picadas nos vizinhos, então resolvemos nos mudar.

Foi complicado, pois tínhamos que nos adaptar novamente com a nova vizinhança. Junto com a mudança de casa, mudei também de escola, e fui fazer a 2ª série na escola classe 05 do Cruzeiro Novo. Lá comecei a me sentir muito oprimida pela forma como professores e diretores tratavam os alunos em geral. Nesta época não fiz muitas amizades, mas comecei a me interessar por esportes e sempre era chamada para jogar nos campeonatos.

Minha mãe matriculou minha irmã e eu na Aginoc, um centro de esportes. Lá fazíamos aulas de ginástica rítmica. Fazíamos apresentações em vários espaços. Uma das apresentações foi justamente na minha escola, e outra foi no Ciman do Cruzeiro, uma escola particular que tinha perto de casa. Era divertida toda a produção que fazíamos, colam, maquiagem, coques, etc. Mas nunca gostei muito de ambientes competitivos, e acabei largando a ginástica depois de um ano e meio.

Depois de um tempo na escola fiz algumas amizades, mas não duraram muito. Enquanto isso fui me relacionando com vizinhos do meu bloco, eu e minha irmã fizemos várias amizades lá. Jogávamos vídeo game, aprendemos várias brincadeiras novas como,

queimada, pique-bandeirinha, pique-cola, polícia e ladrão, mãe da rua, elástico, dominó e até damas! Passávamos boa parte do dia brincando embaixo do bloco.

Minha mãe não estava muito contente com o fato de passarmos tanto tempo na rua brincando em vez de estarmos em casa estudando, e então ela e meu pai fizeram um esforço para colocar eu e minha irmã em uma escola particular. E começamos a estudar no Ciman do Cruzeiro.

Então na 3ª série passei a estudar novamente em colégios particulares. Nunca fui a aluna mais participativa ou extrovertida, muito pelo contrário, sempre fui muito tímida e me sentia muito incomodada em ser obrigada a apresentar trabalhos ou me colocar publicamente por causa de nota. Por outro lado, eu sempre fui muito vaidosa e havia um concurso na escola chamado o Garotinha Cimanö. As participantes deveriam ser escolhidas pela sua sala, e eu fui escolhida na 3ª e na 4ª série. Foi uma experiência muito legal, e me ajudou a ser mais sociável durante as séries iniciais, e finais.

A partir da quarta série comecei a construir ótimas amizades, e muitas duram até hoje. O ritmo na escola particular era mais puxado, e para acompanhar, comecei a ficar mais tempo em casa do que na rua. Adaptei-me bem nessa escola e tirava boas notas. Uma das matérias que eu mais gostava era Inglês, pois sempre ia muito bem, cheguei a tirar 10 em todas as provas do ano.

Tínhamos também feiras de ciências, onde fazíamos trabalhos bem interessantes como protótipos de hidrelétrica, maquetes, etc. cada especialidade tinha um stand com um grupo de alunos que se organizava para explicar e dar informações sobre os projetos e suas referências. Assim se formava um ambiente de muita cooperação entre os alunos a fim de deixar o evento o mais bem feito possível.

3. Ensino Fundamental séries finais

Na quinta série eu já não me interessava mais tanto por esportes. Entretanto a partir daquele ano era permitido participar dos jogos internos que aconteciam no Ciman. Esta espécie de gincana foi se modificando com o tempo, mas na primeira vez que participei, ela tinha um intuito mais esportivo e competitivo. De qualquer forma sempre que aconteciam os jogos, eu e minhas amigas nos organizávamos para jogar em time ou ficar na torcida.

Era bem divertido aquele clima de campeonato e a empolgação que vinha junto com ele. Inventávamos jingles, nomes para as equipes e diversos adereços para a animação. Além

de tudo isso a equipe vencedora que ficasse em 1º e 2º lugar ganhava como prêmio 1,0 e 0,5 ponto na média respectivamente. Esse era um bom incentivo para que todos se esforçassem nos jogos, porém era motivo de bastante discussão para os que não ganhavam nada.

Junto com tudo isso, começaram também meus problemas com a matemática. E realmente eu torcia muito para ganhar aquele ponto na média. Para mim a matemática só ia ficando mais e mais complicada, e eu não sentia muita motivação para entender a matéria. Felizmente, ao final dos semestres, eu me esforçava muito e participava da maioria das aulas de reforço que eram oferecidas à tarde para matemática. Assim conseguia passar o ano.

Na escola eu e meus colegas éramos de classes sociais bem parecidas, mas a verdade é que cada vez mais percebíamos em casa que o custo de vida estava sempre subindo. Foi aí então que minha mãe resolveu fazer um curso de graduação, pedagogia. Até então minha mãe vinha sendo dona de casa, desde que nos mudamos para Brasília. Ela ainda não tinha o nível superior, mas tinha muita vontade de fazer pedagogia. E então ela começou o curso.

Ela fazia à noite para não mudar muito nossa rotina diária. De qualquer forma era inevitável que causasse mudanças, pois muito do tempo dela era ocupado pelas obrigações que o curso trazia. Essa época foi muito interessante porque eu e minha irmã víamos nossa mãe passar muito tempo estudando, lendo livros, fazendo trabalhos, etc. e isso nos incentivava, de certa forma, a estudar mais também e a nos dedicar mais aos estudos.

Com certeza essa decisão teve um impacto muito positivo em nossas vidas e como eu gostava e tinha habilidade para desenhar minha mãe costumava me pedir ajuda para elaborar jogos, e trabalhos com cartazes. Em algumas de suas aulas ela elaborava diversos jogos e atividades e para saber se iriam funcionar, minha mãe os testava com minha irmã e eu. Eram jogos bem bolados e que tinham sempre um intuito pedagógico, de ensinar através da brincadeira.

Eu achava bem interessante e via que minha mãe estava muito realizada em poder fazer o curso. Embora fosse trabalhoso, também era muito gratificante, então fazíamos de tudo para apoiar e ajudar minha mãe no que fosse preciso. Lembro de uma vez desenhar o Paulo Freire em um cartaz para ela apresentar um trabalho. Engraçado pensar que naquele tempo eu não fazia idéia de quem ele era, e hoje isso mudou muito.

Eu sempre costumava ter uma melhor amiga durante as séries iniciais e na sexta série em vez de ser uma, eram seis melhores amigas. Claro que entre essas sempre havia umas que se identificavam mais com outras, mas nossa amizade foi se consolidando a partir dessa

época. Nessa amizade nós encontrávamos apoio e companhia umas nas outras, fazíamos lanches coletivos, compartilhávamos segredos, dificuldades e sempre tentávamos nos ajudar da forma que pudéssemos. Às vezes era com estudo, outras com materiais e habilidades, e até com questões pessoais.

Também gostávamos muito de fazer festinhas, e quando isso acontecia, nós organizávamos tudo, cada uma fazia o que tinha mais facilidade. Uma preparava um bolo, a outra recortava enfeites, outra trazia salgados e assim nossas festas faziam o maior sucesso, não convidávamos muita gente, mas sempre estava tudo bem organizado e bem bolado para garantir a diversão.

Além de festas, a gente também se reunia para estudar e fazer trabalhos juntas, quando o trabalho tinha uma apresentação livre, gostávamos de fazer em forma de filmagens. Até hoje temos vários vídeos com trabalhos que fizemos juntas nesse tempo. E de tempos em tempos nos reunimos para assistir aos vídeos e relembrar os velhos tempos, aliás, nem faz tanto tempo assim.

Neste meio tempo minha mãe já estava quase terminando seu curso e chegando à oitava série, a escola estava querendo amenizar o impacto que os alunos sentiam ao chegar ao primeiro ano por causa da mudança de horários e aumento de matérias que se tinha. Então implantou um plano que se assemelhava a rotina do ensino médio. Lembro que a oitava série foi um ano muito complicado para mim, já que tínhamos horários a mais durante a semana, e a química, física e biologia eram algo novo e matérias a mais para se estudar.

Não foi o melhor ano da minha vida, por que também nesse ano fiquei em uma turma diferente de todas as minhas amigas, e como a maioria dos grupos na escola já estava formado eu me sentia muito sozinha nas aulas. Em minha opinião um dos motivos para meu mau desempenho na oitava série foi a falta de apoio que tive e que encontrava em minhas amigas durante as aulas. De qualquer forma consegui passar de ano.

Foi um alívio já que estavam preparando tudo para a formatura. Em vez de festa os alunos preferiram uma viagem. A maioria dos meus amigos foi, mas eu não fui, e na verdade não estava muito interessada, pois minhas notas estavam baixas e eu precisava me recuperar. Aquele também era o último ano no Ciman do Cruzeiro, que ia somente até a oitava série. E então eu teria que mudar de escola.

4. Ensino médio e PAS

No ensino médio mudei para o Ciman da Octogonal, muitos dos amigos que fiz no ensino fundamental também foram para lá. Outros muitos foram mudando de escola com o passar do tempo. Desde o começo do 1º ano percebi a mudança de ritmo, tínhamos aulas de manhã e várias atividades a tarde, algumas opcionais e outras não. Aproximadamente no meio do ano percebi que muitos de meus amigos já estavam começando a se preocupar com o PAS e com o vestibular. A grande maioria deles estava fazendo cursinhos Pré-PAS.

Para ser sincera eu nunca me preocupei com o PAS ou com o vestibular. Na verdade eu e minha irmã nunca tivemos pressão alguma para passar na UnB ou estudar desde cedo para o PAS ou vestibular em casa. Eu sabia que a UnB era um sonho para muitos de meus colegas, mas eu nunca tive de fato esse sonho e nem mesmo procurava saber mais sobre a instituição.

Nesse começo de ensino médio foi muito bom poder fazer novas amizades também, conheci amigos que hoje são muito queridos e fortaleci outras amizades já conhecidas. Formamos um grupo grande de amigos e tínhamos a possibilidade de nos encontramos em aulas à tarde, se não fossemos da mesma turma.

Na nova escola a gincana já tinha mudado muito e agora ela durava uma semana inteira, além do sábado. A primeira fase da gincana era uma das fases em que os alunos mais se empenhavam. Precisávamos arrecadar vários quilos de alimentos, garrafas e materiais para reciclagem. Esses materiais seriam destinados a companhias de reciclagem e os alimentos seriam doados para instituições diversas.

Embora sempre houvesse algum tipo de premiação, todas as equipes estavam de alguma forma ajudando o próximo. Era tanta a cooperação e solidariedade que, quando uma equipe atingia a meta de quilos de alimentos a mesma disponibilizava o que estivesse sobrando para as outras equipes. A gincana era algo realmente grande dentro da escola, e fora dela também. Hoje vejo que esses jogos e gincanas foram muito importantes para amadurecer o espírito de trabalho em equipe, cooperação e socialização entre os alunos.

Deixando um pouco de lado a agitação que a gincana trazia, voltamos ao assunto que não queria calar no ensino médio, o PAS e o vestibular. Aproximadamente em outubro, alguns alunos já estavam ansiosos para o acontecimento da prova. Muitos outros (como eu)

não estavam muito ligados a isso, nem viam tamanha importância no PAS. Alguns estavam na verdade já pensando em faculdade privadas, e nem se preocupavam mesmo.

Ao final do 1º ano fizemos a primeira fase do PAS. Eu sempre procurei fazer todas as provas com concentração e seriedade, e não foi diferente com o PAS. Tive um bom resultado na prova, mas mesmo assim eu ainda não estava empolgada com a possibilidade de estudar na UnB. Para mim não era algo tão idealizado como para vários de meus colegas.

Depois que passou a prova do PAS, fui me atentar à minha real preocupação, passar de ano, pois estava com dificuldade em matemática, física e química. Novamente com a ajuda de aulas de reforço que tínhamos a tarde consegui tirar as notas que precisava.

No 2º ano eu e meus amigos estávamos bem envolvidos com a escola e passávamos muito tempo realizando o máximo de atividades que podíamos. Também foi o tempo em que eu saía muito para festas e shows. Até a oitava série eu de fato não tinha muito interesse em paqueras ou nada do tipo, a partir do ensino médio que fui amadurecer este lado mais sentimental, e então costumava sair para encontrar e conhecer novas pessoas.

Ao refletir sobre a vida com algumas amigas, concordamos que felizmente tivemos esses momentos mais agitados nas fases certas da vida. Hoje em dia não temos mais tanto desejo de sair várias vezes na semana, voltar tarde pra casa e exagerar com as saídas. Isso certamente foi um dos fatores que me deixou mais dedicada na universidade e focada na vida.

Foi surpreendente, mas essas saídas não me atrapalharam durante o segundo ano, eu estava indo bem na escola e tinha me acostumado com o ritmo, além disso, as aulas de reforço conseguiam esclarecer bem minhas dúvidas. Novamente tivemos gincana, e como de costume foi muito divertido e animado. Os jogos não eram apenas esportivos, mas também de decodificação, conhecimentos gerais, e específicos. Também era aproveitado esse espaço de descontração para os alunos apresentarem suas habilidades, com instrumentos, canto, e assim eram feitas algumas apresentações na escola. Era um momento de compartilhar, aprender, e interagir de forma conjunta.

Depois do clima descontraído da gincana, voltávamos à rotina normal e voltavam também as preocupações com o PAS, ainda mais que as notas da primeira prova tinham sido divulgadas, então quem foi mal estava realmente se preparando para tentar tirar notas melhores. Minha nota foi boa e esse foi também um motivo para eu não ficar tão preocupada e pressionada quanto ao PAS.

Para mim não era certo que eu estudaria em uma faculdade particular, até por que meus pais já estavam arcando com a faculdade particular da minha irmã, e esse era um gasto

muito alto. Em compensação minha mãe havia terminado o curso de pedagogia. Fomos à colação de grau dela e logo em seguida minha mãe começou a fazer concursos. Ela começou então a dar aulas em escolas públicas. Era tudo bastante novo para ela, e gostávamos muito de ouvir as novidades que ela trazia daquela experiência em dar aula.

De uma forma ou de outra eu acabava me envolvendo um pouco com o trabalho dela, pois a ajudava a montar atividades e provas, jogos, músicas, brincadeiras e enfeites para a sala e as semanas temáticas. E de vez em quando eu até ia até a escola para ajudá-la em festinhas que eram promovidas para algum aluno na sala de aula.

Já no final do 2º ano fizemos a segunda etapa do PAS, desta vez vi ainda maior a preocupação de meus colegas com a avaliação. Afinal agora era peso 2 e era importante tirar uma nota boa. Novamente minha preocupação não era grande. E fiz a prova assim como da primeira vez, com calma e atenciosamente. Nesse ano eu não tive grandes problemas com as matérias e gostava muito de química, já física e matemática foram como sempre estressantes.

Chegando ao terceiro ano é que realmente me caiu a ficha, e me veio uma dúvida cruel na cabeça: "Que curso eu irei escolher?". Agora o assunto tinha mudado, não era mais tanto o PAS e o vestibular da UnB ou de qualquer outra faculdade, mas sim que curso escolher que caminho seguir a partir dali. Uma decisão que simplesmente iria refletir no resto de nossas vidas. Os aspectos a serem analisados eram muitos, como saber que aquela área era boa para você, se teria muita oferta de emprego, se daria dinheiro, se você gostaria de fazer aquilo pro resto da vida, se conseguiria e teria competência para tal. A maioria, se não todos os estudantes, estavam muito confusos e aflitos com essas questões.

Para dar uma ajuda a escola resolveu montar uma feira de cursos. Então vieram vários alunos de várias universidades e de diversos cursos para dar uma idéia sobre o que cada curso abordava. Foram montados muitos stands e os alunos poderiam visitá-los e conhecer um pouco mais de cada curso de interesse. Como eu gostava e tinha facilidade com desenho logo meus colegas me indicaram o curso de arquitetura, falavam que seria ideal para mim, e de fato fiquei interessada. Então este foi o primeiro stand que visitei. Quem estava representando o curso de arquitetura não era a UnB, porém mesmo assim achei muito interessante e fui amadurecer a idéia em casa com calma e conversando também com meus pais.

Algo interessante também foi que embora estivéssemos em uma escola, tratando de algo tão importante para a educação dos que estavam presentes, não havia um stand para o curso de pedagogia. Não era o único curso que faltava, mas seria importante sim ter um stand para o curso, pois eu não era a única interessada.

Conversando com meus pais eles me falaram que eu deveria pensar nas possibilidades que o curso poderia me trazer. E então a partir dali a minha dúvida passou a ser entre a pedagogia, um campo amplo de atuação ou a arquitetura, da qual eu não tinha muito conhecimento sobre. Até onde eu sabia minhas notas no PAS estavam boas, e ficava cada vez mais real para mim a possibilidade de estudar na UnB através do PAS. Como eu não queria ficar com tanta angústia por não saber se iria passar ou não, resolvi escolher pedagogia.

Era muito mais provável eu passar no PAS para esse curso, mas no fundo acho que eu sempre estive mais inclinada para a pedagogia do que para qualquer outro curso. A influência que eu tinha em casa era bem forte quanto a isso. Eu estava apreensiva também com o fato de achar que para fazer pedagogia, necessariamente, era preciso gostar muito de crianças, porém hoje em dia vejo que a pedagogia é algo que vai muito além do simples fato de gostar ou não de crianças. Diz muito mais respeito à competência, dedicação e conscientização da individualidade de cada um.

Então estava decidido, o curso escolhido para o PAS seria Pedagogia. Para falar a verdade essa foi uma decisão que surpreendeu meus colegas, pois nunca esperavam realmente que eu fosse fazer esse curso, e por vezes tentaram me convencer do contrário. Mas eu não queria passar por todo o processo de dúvida novamente e já estava mais tranqüila por ter escolhido um curso com o qual já estava familiarizada.

Quando fomos finalmente realizar a última prova do PAS, admito que me bateu um grande nervosismo, eu não achava de fato que estava preparada para fazer aquela prova. Essa com certeza foi a prova que lembro mais das três, pois de tanto nervosismo não estava muito confiante quanto as respostas. O tempo parecia não passar, mas ao chegar ao finalzinho parecia que o tempo estava passando rápido demais. Consegui terminar a prova e preencher o gabarito e aí pensei que fosse o que Deus quisesse, já que eu tinha feito o que podia em todas as provas e as tinha realizado de forma séria e comprometida.

A essa altura alguns alunos já tinham feito o vestibular da UnB do meio do ano e pra nossa surpresa uma amiga próxima passou, para o curso de pedagogia, e ela não hesitou em deixar a escola no meio do ano e ir se matricular no curso. Ela não era a única, outra amiga muito próxima passou para música e também fez o mesmo. Ali pude notar o que a UnB representava para aquelas pessoas, uma oportunidade única.

Contudo não era apenas o assunto PAS/vestibular que rolava naquele ano, estavam todos bem interessados também na formatura do terceiro ano, os alunos queriam tudo a que tinham direito, colação, culto ecumênico e baile. Era costume a escola deixar os alunos do 3º

ano fazerem uma espécie de trote no final de cada mês. Foi muito divertido bolar os trotes com os amigos e tivemos vários temas, trote brega, de super herói, de traje de gala, crianças e também de profissões. Esses trotes aconteciam no intervalo e eram um momento de descontração para a grande maioria dos estudantes, pois trazíamos bandas escolares e DJs para animar as comemorações.

Durante esse ano tivemos muitas surpresas boas, mas também foi o ano em que mais tive dificuldade em questão de nota na escola, aquele clima de último ano acabou me dispersando com os estudos. Estava tão séria a situação que nem as aulas de reforço estavam conseguindo me ajudar mais, então tive que começar a ter aulas particulares para física, matemática e química. Nas últimas provas do semestre eu precisava desesperadamente de boas notas, e para piorar tudo tínhamos um trote final depois da última avaliação do semestre, que era logo a de física. Esse trote seria diferente, todos os alunos tinham combinado de pular na piscina da escola quando todos terminassem a prova.

Não tenho certeza se fiz uma boa prova, mas para mim era muito importante dividir com os amigos aquele último trote do terceiro ano. Então terminei a prova e fui encontrar com todos, em pouco tempo estávamos todos correndo para a piscina e de repente TIBUM. E estávamos todos na água, enquanto isso o coordenador corria para lá. Foi realmente muito marcante esse momento e quando resolvemos sair, todos nós demos as mãos, fazendo um enorme círculo em volta da piscina e celebramos a vitória de terminar o ensino médio.

Depois daquele momento eu não tinha certeza de que tinha passado no PAS e nem mesmo se tinha conseguido passar na escola! Embora fosse muito inquietante não saber, eu e meus amigos estávamos mais focados agora nas preparações para a colação de grau. Assim que saíram os resultados das notas e vimos que passamos foi um alívio e poderíamos então curtir todas as etapas para a colação. E passamos por todas as comemorações, culto, colação e baile. Não poderia ter sido mais emocionante, pois a todo o momento éramos homenageados e lembro-me de ter um sentimento de dever cumprido. Os estudos sempre tiveram uma grande importância em minha casa e cada graduação era sempre uma alegria para todos.

Quando toda a empolgação passou, entrei de férias e não me restava mais nada a fazer, a não ser esperar o resultado do PAS. Eu sabia que muitos dos meus amigos estavam apostando suas fichas que eu passaria. Mas eu não tinha a certeza de nada e resolvi curtir o quanto pudesse aquele momento de férias com os amigos, pra ver se assim o tempo e o resultado saíam mais rápido. Quando finalmente saiu o resultado eu lembro como se fosse hoje, eu estava em casa assistindo TV e uma amiga me ligou dizendo: Natália você passou!

Nossa na hora eu nem entendi, e depois caiu a ficha: eu tinha passado para o curso de pedagogia da UnB. Fiquei muito feliz e contei para os meus pais, depois disso recebi várias ligações de amigos, foi um momento de muito companheirismo e celebração.

Logo depois fiquei sabendo que nenhum de meus amigos havia passado. Para ser mais específica, eu fui a única aluna do terceiro ano todo que passou no PAS. O diretor foi um dos que ligou para me parabenizar, e foi muito gratificante receber aquele reconhecimento. Felizmente depois de um semestre ou dois, todos ou a maioria de meus colegas passaram nos cursos que queriam e boa parte eu encontro de vez em quando na UnB.

5. UnB ó Pedagogia

Nossa que surpresa foi estar agora estudando na Universidade de Brasília, eu de fato nunca havia ido lá, nem para happy hour de outros cursos. Era um ambiente completamente novo para mim. Então pensando comigo mesma, eu estava em um ambiente desconhecido, não tinha ninguém com quem eu estudava mais lá e eu nem mesmo tinha costume de andar de ônibus. Quantas questões passavam pela minha cabeça, mas resolvi encarar essa nova fase com o coração aberto e logo no primeiro dia fiz amizades que duram até hoje.

Para minha alegria também encontrei minha amiga que havia passado em pedagogia no meio do terceiro ano e ela, junto com alguns veteranos, puderam ajudar a me sentir mais acolhida naquele espaço. Outras duas amigas antigas também se juntaram a mim no curso de pedagogia, agora sim me sentia mais familiarizada, pois tinha o apoio de várias pessoas. Agora a questão era descobrir e entender como o curso seria, se eu iria me adaptar e me interessar por aquilo. E para a minha surpresa eu estava gostando de tudo, de cada aula, e trabalhos, dos momentos de compartilhar, sentar em roda, colocar suas críticas e pensamentos em discussão.

Era algo muito novo essa maneira de ter aula, não era uma educação bancária, mas uma educação para a vida, para o amadurecimento de mim mesma e de minhas idéias. Vi neste espaço, vários formadores de opinião, pessoas inconformadas e com a vontade de mudar, de fazer diferente. Durante os primeiros semestres tive a oportunidade de conhecer melhor o espaço em que eu estava e entender porque eu estava ali, aprendi mais sobre quem sou eu e minha relação com a educação. A partir do 3º semestre me envolvi bastante com a escola e através do projeto 3 pude ir a escola para aplicar alguns dos conhecimentos que eu havia aprendido.

Essa relação com a sala de aula, embora tenha sido muito nova, foi, também, reveladora para mim, pois descobri que eu me sentia muito preparada e confiante para assumir uma sala de aula, montar atividades, jogos e momentos de leituras com as crianças. No projeto 3 fiz aulas com o tema de Representações Sociais da Escola. Neste projeto fizemos várias pesquisas em escolas e estudantes das séries iniciais para saber o que a escola representava para elas. Achei o projeto bastante interessante, porém eu queria algo em que eu pudesse ter um contato mais direto realmente com os alunos, me envolver mais também com a realidade em que eles estavam inseridos.

Então comecei a fazer os projetos de Economia Solidária com a professora doutora Sônia Marise, uma proposta muito diferente, com caráter esquerdista e que contrapunha as idéias básicas do capitalismo. Visando em primeiro lugar o bem estar do ser social, de sua comunidade e o trabalho em equipe, e não apenas o lucro individual. Primeiramente tivemos momentos teóricos onde estudamos grandes nomes da educação assim como Paulo Freire, Vygotsky, Freinet, entre outros. Em outro semestre formamos grupos que iriam se dividir para atuar em diversos locais carentes que arrecadavam seus recursos majoritariamente através de doações e produções dentro da própria instituição.

Nesta ocasião eu e meu grupo ficamos responsáveis pelo lar dos velhinhos, e foi muito emocionante ver que eles viviam princípios básicos da economia solidária, eles produziam calendários, cestas, e enfeites coletivamente para venderem e contavam com muitas doações da comunidade para ajudar em sua renda mensal. No final do projeto participamos e ajudamos no festival de tortas que é realizado todo ano a fim de arrecadar fundos para a instituição. Na ocasião tudo funcionou de forma muito cooperativa, voluntários ajudaram a levar os velhinhos para o festival, uma escola perto ofereceu seu espaço para a realização e muitas tortas foram doadas pela comunidade para o evento.

Já no projeto 4 fase 1 tive a oportunidade de visitar uma cooperativa em Santa Maria, lá, a princípio, fomos pesquisar qual era a situação em que aqueles moradores da área de risco se encontravam. A situação era realmente muito precária e pudemos ver de perto a que condições pode chegar uma comunidade completamente abandonada, sem recursos e sem a preocupação do governo. Naquele momento percebi que o que poderia realmente ser feito para ajudar a comunidade seria um trabalho coletivo, envolvendo todos, e também conscientizando sobre a questão da natalidade no local já que as mulheres tinham muitos filhos e muito poucas condições de mantê-los.

Infelizmente antes que pudéssemos colocar, de fato, algum plano em prática o semestre acabou e era hora de eu ir para uma escola, para aplicar um plano pedagógico e desenvolver algumas oficinas. A fase 2 do projeto 4 foi realmente muito produtiva e fiquei contente de poder atuar na escola de forma tão direta. Assim que cheguei já procurei saber o nome de cada aluno e observar seu desempenho em sala de aula, suas dificuldades, suas habilidades, interesses e desinteresses. E a partir das observações foi possível elaborar e aplicar diversas oficinas de jogos e brincadeiras na turma escolhida.

Durante minha vida escolar sempre tive muito interesse em jogos, e brincadeiras e desta forma quis fazer as oficinas com esse caráter, afinal só porque é uma brincadeira não significa que ela não seja séria. E as oficinas tinham mesmo o intuito de estimular a aprendizagem e a execução de exercícios de fixação através da brincadeira. O clima da escola era de muita cooperação entre os professores e fui muito bem acolhida. Assim tive apóio e maior facilidade para realizar os projetos.

Passada essa fase e com um pré projeto já feito foi a hora de encarar o último semestre e com ele vinha também a tão temida monografia. E então a fase de dúvidas voltou, será que o tema estava bem definido, estava com o foco no lugar certo, etc. Mas com a ajuda da orientadora Sônia Marise pude esclarecer a maioria de minhas dúvidas. Notei a enorme importância que tem a escolha do orientador, pois hoje posso dizer que sem essa orientação clara e objetiva não é possível caminhar e seguir em frente com a monografia. Outra questão que é de grande ajuda é a disciplina de Seminário Trabalho Final de Curso, que pode, de forma mais constante, orientar as fases do trabalho.

Durante esse percurso percebi que a educação, em todos os seus aspectos, é que forma o indivíduo, o ser social e que, como educadora, eu tenho um dever com a sociedade de me atentar não só às questões em sala de aula, mas ao contexto em que estou atuando, à história e à bagagem que o aluno já carrega consigo, suas individualidades e especificidades, dando ênfase ao papel que ele representa na sociedade, não só de mais um, mas alguém que pode fazer a diferença e que pode escolher o caminho que quer seguir, esperando sempre que este caminho seja de solidariedade, compreensão, cooperação e amizade.

O pedagogo tem o poder de transformar seu ambiente de trabalho, para que sua atuação aconteça da melhor forma possível e é isso que devemos buscar, pois as bases de um ser humano podem refletir em toda a sua vida. Desta forma é imprescindível que se trate de uma educação agradável, sem preconceitos e afetuosa cultuando o respeito e amor pelo próximo. A partir dessa construção, introduzo a discussão base para o tema do projeto.

PARTE II
MONOGRAFIA

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM AMBIENTE ESCOLAR: A PRÁTICA DE
JOGOS COOPERATIVOS**

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA, EDUCAÇÃO E JOGOS COOPERATIVOS

1.1: A Economia Solidária e a Educação

Esse capítulo trata de refletir sobre a educação na ótica da economia solidária. As idéias deste capítulo estão aportadas nos textos do livro Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos e das diretrizes da I Oficina Nacional de Formação em Economia Solidária.

É certo que para compreender melhor a Economia Solidária deve-se primeiramente entender alguns princípios básicos que norteiam o capitalismo. Nesta perspectiva é interessante ressaltar que o capitalismo se caracteriza pela concentração dos meios de produção sociais em poucas mãos. Isso ocorre em meio á lógica de mercados competitivos, que querem sempre comprar barato, pagar pouco e vender caro, classificando sempre vencedores e perdedores em meio a isso. Predominando a relação hierárquica em empresas, onde o empregado deve se submeter ao que o empregador quer, visando sempre o lucro.

Os empregados tendem a não ter responsabilidade pela empresa, e todos são sempre instigados para o mesmo fim, o de se esforçar para maximizar os lucros na empresa. Porém, independentemente de qual seja este lucro, dificilmente este será dividido com os trabalhadores, já no caso dos prejuízos, os mesmos podem resultar em diminuição de salário ou benefícios e até mesmo em demissões.

Na economia solidária não se cultua a relação patrão-empregado que é predominante na sociedade, colocando alguém em um nível superior e o outro de forma subalterna. O que se cultua é que todos estão ali por um interesse em comum que irá afetá-los diretamente ao final de cada produção. Desta forma é colocada muito mais responsabilidades para cada um dos integrantes e se dá uma posição igualitária a todos, já que todos tem o mesmo poder de decisão. Além disso, todos que detêm a propriedade da empresa, necessariamente trabalham

nela. Essa relação impede então que haja uma classe que receba e viva apenas do rendimento de seu capital, sem participar do trabalho realizado.

Uma economia solidária é algo que nasce de uma necessidade humana. Talvez como uma forma de superar momentos de dificuldades, mas também como forma de opção de vida, uma alternativa ao que está posto. O importante é que não seja decorrente de uma imposição. Mas que seja livre e que possa resultar na promoção do ser humano, ampliando seus horizontes e potencializando o que há de mais humano, as relações consigo e com o outro.

Como Paul Singer (in KRUPPA, 2005) propõe não há de fato naturalidade na prática da Economia Solidária dentro do predominante sistema capitalista. Esta prática exige alguns elementos básicos para os indivíduos que optam por ela, tais seriam a solidariedade, cooperação, autogestão e um comportamento social pautado não mais na competição, mas pela solidariedade e o bem comum. Infelizmente o capitalismo sempre esteve fortemente presente em nossas vidas e a solidariedade ficou então restrita apenas á pessoas próximas, familiares, e em quem confiamos ou temos laços afetivos. Logo é realmente difícil quebrar um paradigma que está tão enraizado em nosso ser.

Neste modelo de economia o individualismo está muito presente e é até mesmo visto como racional, pois se considera que o indivíduo deve sempre pensar primeiro em seu bem estar mesmo que isto possa causar o infortúnio de outrem. Outro ponto que se diz racional é a competitividade, estar à frente, estar no topo e em primeiro sempre, onde há sempre concorrentes e não aliados, mas pessoas que podem tomar seu lugar se você não for o melhor.

Afirma Singer (2005) que "Praticar a economia solidária, como o nome já diz é usar da solidariedade na prática econômica a partir desta perspectiva o trabalho e esforço passam a ser divididos, assim pode-se produzir mais com menos esforço supondo que muitos irão colaborar com o seu trabalho. A cooperação neste caso implica em um ganho para todos. E é essa a idéia principal, cada um fazendo uma parte diferente do trabalho para que no final ninguém seja sobrecarregado e todos tenham bons resultados, conseguindo algo para o bem comum. (SINGER, 2001)

Considerando essas características, a economia solidária aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e

raça. Implica na reversão da lógica capitalista ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Pensando desse modo é evidente que para que a prática da economia solidária seja exercida de forma plena, é preciso que haja uma reeducação das pessoas envolvidas, posto que estas estiveram, em sua maioria, vivendo o capitalismo desde jovens. Esta reeducação deve acontecer de forma conjunta, deixando de lado o individualismo e a tendência competitiva e adotando a coletividade e solidariedade.

As pessoas precisam de apoio e isso é observável quando vemos que em um meio capitalista, quem agir em contraposição ao mesmo será excluído e rejeitado e o mesmo ocorrerá em um meio solidário, pois quem se contrapor será considerado mesquinho ou individualista. Daí a importância do outro, da cooperação e compartilhamento de idéias e pensamentos.

Esta reeducação é sem dúvidas um desafio quando se trata da aplicação em um meio pedagógico já que é preciso mostrar uma nova visão de economia. Para que isso de fato seja possível é preciso que haja uma comunicação menos teórica e mais prática, comportamentos, atividade e oficinas que incorporem os pressupostos da economia solidária. Através da prática é que o ensinamento se afirma e é internalizado nas pessoas, também são importantes momentos em grupos de conversas, decisões coletivas, vivências e experiências voltadas para a cooperação e socialização de forma solidária.

A pedagogia da Economia Solidária tem o desafio de criar situações que possam criar um mecanismo de reciprocidade e interação, porém deve acontecer espontaneamente, umas das formas mais indicadas para tal é a prática de jogos e brincadeiras. As pessoas são estimuladas a seguirem aqueles jogos conforme sugere a Economia Solidária. Muito embora, a princípio alguns dos envolvidos possam encarar os jogos de forma competitiva, uma hora ou outra pode acabar percebendo que estão todos ali com o propósito de se divertir, cooperar, socializar e todos ganham com isso.

O desejo de ganhar ou ser competitivo é algo que faz parte da formação capitalista de cada um, porém quem está cooperando e não competindo se sentirá feliz a cada vez que coopera e independentemente do resultado, já o que está competindo, pode se divertir inicialmente, mas dificilmente ficará feliz se não ganhar. O que realmente conta nessa

situação é experimentar ser afetuoso e solidário ao próximo, o que não é um esforço tão grande já que essa relação costuma trazer um sentimento agradável para ambos os lados. Paul Singer (2005) escreve que:

“Todos tem inclinação tanto por competir quanto por cooperar. Qual dessas inclinações acabará por predominar vai depender muito da prática mais freqüente, que é induzida pelo arranjo social em que o sujeito nasce, cresce e vive.” (SINGER, IN KRUPPA 2005 p.16)

Entendo assim que as pessoas podem ser mais favoráveis à cooperação ou à competição, o que irá determinar essa inclinação é o modo em que vivem, as atitudes que mais praticam, além das pessoas que estão a sua volta e influências do meio onde se está inserido e que foi criado. Algo importante nessa questão é perceber que uma relação de desigualdade não traz benefício algum, só causa a angústia e dor de muitos para o sucesso e prosperidade de poucos, dividindo pessoas em capazes e incapazes, superiores e inferiores.

Muitas destas relações são frutos de pensamentos que as pessoas adquiriram desde jovens. São suposições de que se você não for melhor e ficar sempre por cima do outro, então você será o pior e estará por baixo, em uma situação ruim. Se não for o melhor não poderá arrecadar bens materiais e seguir em frente com sua vida. Já agindo solidariamente o que prevalece são ações de reciprocidade, comportamentos de ajuda mútua. As pessoas que vivenciam esta prática terão a visão de que os outros são diferentes, tem suas especificidades, mas que estas são resultado do meio e da educação que receberam e que cada um conta como uma ajuda a mais e como Singer propõe: Ninguém é tão forte que não precise de auxílio dos outros e que a união faz a força.

A pedagogia da economia solidária sugere que alunos e professores devem estar num mesmo patamar partindo do princípio sugerido por Paulo Freire (1978) ao dizer que: “Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos.” Seguindo essa vertente colocamos alunos e professores como aprendentes, cada um tem experiências de sua vida para compartilhar e dessa forma é que se ocorre o aprendizado mútuo. A socialização de saberes é o que vai proporcionar um momento de verdadeiro aprendizado, assim com a prática de valores solidários, conectar-se e ter empatia pelo outro faz parte da aprendizagem verdadeira.

A economia solidária é um ato pedagógico em si mesmo considerando que sua prática social propõe um novo modo de pensar e agir em sociedade. E é desta maneira, praticando,

que se consegue exercer de forma plena a economia solidária, lembrando que os valores que a mesma prega são valores que já existem antes mesmo da economia solidária, existem dentro e fora dela. Pensando assim é de grande importância que se tenha uma prática pedagógica voltada para o aperfeiçoamento do ser, a socialização, cooperação, solidariedade e respeito mútuo, pois em sociedade onde o capitalismo rege as relações sociais e econômicas, certamente teremos muito mais desigualdades e incompreensão. Trata-se então da construção de uma nova sociedade, em oposição à antiga.

Colocando em foco a escola e sua realidade é possível perceber certo isolamento das instituições de ensino, em modo geral, da realidade em que se está inserida. A rotina da escola fica então fechada para suas atividades estritamente conteudistas perdendo-se a oportunidade de trabalhar com o que está acontecendo na comunidade. Alunos vêm para escola com bagagens trazidas de fora e estas devem também ser alvo de discussão em sala de aula. Pode-se assim elaborar alternativas coletivas para solucionar problemas que vem de fora também, assim como seria interessante discutir os problemas da própria escola.

Alguns dos valores disseminados pela economia solidária juntamente com a cultura lúdica se referem à reciprocidade, cooperação, compaixão, afetividade, solidariedade, comunicação e amor. A partir das iniciativas de Economia Solidária é possível se ter uma tomada de consciência em relação à situação de exclusão e desigualdade social, vivenciadas no modelo capitalista. Brincar, jogar e divertir-se tem sido um dos principais meios para o estreitamento de laços e união de grupos humanos. Essas práticas têm sido fundamentais para ressaltar a necessidade de redescobrir e redirecionar a atividade educativa.

No artigo "Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano" a socióloga e pedagoga Sonia M. Portella Kruppa (2005) comenta que a educação tradicional tem cada vez mais utilizado a expressão de capacitação, que nada mais é que colocar o indivíduo como um recurso, quanto mais capacitado para realizar determinada tarefa, mais rapidamente poderá executar sua função e isso resultará em lucro no final do processo. Desta maneira a produtividade consiste em induzir pessoas a serem competentes para certas atividades e incompetentes para outras. A escola por sua vez recebe muita influência desse sistema capitalista e acaba por criar uma relação de melhores e piores, produtivos e improdutivos.

Tendo em vista que a economia solidária busca trazer o pensamento vinculado ao fazer, também se assume que os sujeitos envolvidos precisam recuperar a fala e ter a oportunidade de se colocarem diante dos acontecimentos do seu cotidiano. Compartilhar suas idéias com o grupo e dialogar com todos é uma forma de libertação que deve ser vivida dentro e fora de espaços educativos. É fundamental que se descubra o que cada um sabe fazer, o que querem aprender e o que gostariam de fazer juntos. Tais questões dão espaço para que haja o diálogo, a socialização e compartilhamento das experiências vividas e a partir destas pode-se adotar uma nova maneira de aprendizagem.

Uma metodologia focada em valores da Economia Solidária sugere que o ensino e a aprendizagem aconteçam de professor para o aluno e vice versa, o conhecimento aliado á ação pensada e discutida promove a aprendizagem. Uma cultura que valoriza os educandos, como seres dotados de saberes acumulados e identidade construída socialmente, reconhece e valoriza a diversidade cultural, social, regional, de gênero ou política. Logo a construção coletiva de conhecimento, deve acontecer a partir da realização de trabalhos coletivos, debates em grupo e formas mais descontraídas como a utilização de elementos lúdicos que tenham correspondência à cultura popular (vídeos, textos, poesias, música, jogos, teatro, brincadeiras, etc.)

Algumas atividades, para serem produtivas necessitam que o objetivo esteja mais voltado para a humanização, valorização das pessoas, buscando a elevação da auto-estima e desta forma cultivando uma relação mais harmoniosa, com isso cada um começa a se relacionar de maneira mais relaxada e lúdica. A formação deve se comprometer também com o desenvolvimento humano contribuindo para o bem estar físico, mental e espiritual.

É necessário que o haja flexibilidade nos conteúdos de formação, abrir espaço para que contribuições coletivas de conhecimento enriqueçam muito mais as aulas. A formação dos alunos não deve ser apenas oferecida, mas também demandada por eles, essa espontaneidade pode trazer grandes benefícios para a formação de todos. Usar a multidisciplinaridade também é uma ótima estratégia. Através de atividades interdisciplinares resgata-se o entendimento de que o conhecimento não pode ser dissociado da vida humana e da realidade social (Morin, 1987:21), restabelecendo-se a circularidade entre homem, sociedade, vida e conhecimento, em que cada um desses elementos explica-se reciprocamente.

Durante os processos formativos é importante que se desconstrua o individualismo existente, e invista na cultura de participação, além de enfatizar valores éticos, sociais e incluir as crianças nos processos educativos que favoreçam uma nova cultura. Esta nova cultura deve ser construída e reconstruída cotidianamente partindo da cooperação, autogestão, sustentabilidade e solidariedade. Praticando esses princípios e cultivando relações não preconceituosas é que se pode realmente contrapor a competitividade, individualismo e a superioridade.

As práticas educativas voltadas para a economia solidária sugerem o exercício da democracia, desta forma é possível contribuir para que todos os indivíduos envolvidos sejam reconhecidos com seres com conhecimento, que podem trocar e dividir saberes, tornando as pessoas mais autônomas, além de contribuir para a auto-estima de cada um. O reflexo dessa forma de ensino aprendizagem através do fazer e da socialização é a incorporação da afetividade e sensibilidade durante a formação do ser humano.

Para que essa formação ocorra da maneira mais natural possível é necessário que os métodos utilizados sejam agradáveis, instigantes e que causem a união de todos. Introduzir a música, a dança, teatro, jogos, artes plásticas é uma ótima maneira de favorecer o trabalho na construção da cultura solidária no ambiente educativo. Nessa perspectiva é possível que os participantes envolvidos possam manifestar, através das atividades propostas, sua cultura popular e reencontrar o prazer da criação.

Segundo a apostila I Oficina nacional de formação/educação em Economia Solidária (2006) é importante buscar sempre meios de estimular a compreensão e transformação da realidade de cada um, pois o homem é capaz de se libertar da materialidade e, por meio da elaboração de conceitos e até mesmo por meio da relação com jogos e brincadeiras, estruturar o pensamento registrando-o no seu dia a dia. O trabalho humano permite ao indivíduo transformar a natureza e transformar a si próprio, construindo conhecimento coletivamente.

Criar um espírito investigativo coletivo, não é um trabalho fácil, porém fundamental para envolver a todos no processo de formação e descoberta dos fatores que influenciam e contribuem para a constituição da realidade em que estão inseridos. Concebendo a educação como um ato político, este deve ser a favor da emancipação humana, e para que isso seja possível é importante contar com uma ação dialógica problematizadora e que garanta a relação de horizontalidade das relações socioeducativas. Isso leva em conta também o respeito

com o outro e com seus pensamentos, independente de suas diferenças religiosas, étnicas, ideológicas etc.

Nesse ponto uma questão a ser explorada é a autogestão, entender os princípios, os processos e os instrumentos de tomada de decisão coletiva é de grande importância, pois coloca em destaque a diversidade das expressões humanas. A metodologia autogestionária tem o poder de unir e humanizar, uma vez que dá voz aos participantes e privilegia a diversidade da linguagem. A autogestão tendo a coletividade nas decisões como pressuposto dá um novo sentido de viver em sociedade.

Na escola a questão autogestionária é uma opção válida a partir do momento em que todos percebem os benefícios que ela pode trazer. Entretanto para que a autogestão funcione é preciso que os atores daquele meio estejam dispostos a renunciar posições de mandantes e entender que para haver a autogestão é necessária a cooperação de todos, cada um exercendo uma função diferente, e cada um com valor idêntico. Descentralizar o poder é uma forma de colocar mais responsabilidade na mão de cada um, e assim, certamente é possível se obter bons resultados.

Na sala de aula, trabalhando em um ambiente que adote a pedagogia da Economia Solidária, com o passar do tempo é possível notar as mudanças ocorridas, na conduta social das crianças, equilíbrio emocional, aperfeiçoamento da expressão verbal, maior socialização entre todos com harmonia na afetividade familiar e social. Tudo isso estimulado por meio do desenvolvimento de trabalhos artísticos e de pintura, canto, jogos e brincadeiras.

Daí a importância das brincadeiras e fantasias infantis, a partir dessas e várias outras atividades a criança estrutura a capacidade de fundamentar sua personalidade em importantes valores, princípios e regras. O professor no papel de mediador tem então a missão de relacionar saberes diversos de forma articulada para que assim possa ser entendido que no mundo real está tudo interligado e relacionado de alguma forma.

É hora de reconhecermos as limitações de nossa herança cartesiana, pois se pode aprender muito mais e melhor por meio de experiências lúdico-vivenciais, solidárias, cooperativas, nas quais as crianças participam ativamente. O potencial lúdico dos jogos e das brincadeiras buscam promover valores que alicercem formas de subjetivação comprometidas com uma sociedade mais solidária. Nas brincadeiras as crianças expressam suas vivências e seus saberes.

No jogo, a troca dos conhecimentos acontece de forma natural, enquanto brincam, assim como as regras sociais são internalizadas, não por obrigação, mas por coerência. Desta forma, no capítulo seguinte será apresentada a relevância do jogo e suas diferentes formas de acontecer, além da contribuição que o mesmo tem para a aprendizagem infantil.

1. 2. O Jogo como Facilitador de Aprendizagens.

Pensando em uma prática pedagógica que envolva situações de jogo e de brincadeiras, é necessário que os novos saberes adquiridos expressem os modos de compreender e realizar de seus autores, que assumam suas hipóteses, seus modos de pensar, suas práticas, que aprendam com seus erros, com sua história de vida, que dialogam criticamente com suas referências teóricas e com seus colegas de ofício.

Ao se caracterizar o jogo é importante diferenciar e integrá-lo com outras formas de vida ou de realizações humanas. Pode-se considerar então que jogar se assemelha à uma necessidade humana, que vem sem obrigação, que acontece pelo simples prazer de jogar e pode ter diferentes significados e propósitos dependendo do ambiente em que se joga e o objetivo que se espera do jogo.

A própria vida nos coloca a face de jogos sociais, onde muitas vezes somos peças de um tabuleiro injusto e desigual. Mas assim como podemos ser as peças podemos também ser jogadores e temos a oportunidade de mudar as regras, reivindicando desafios em que podemos, através de nossas qualidades e pela equidade das relações em jogo, ter chances de jogar e talvez ganhar. Infelizmente em nossa sociedade, tão consumista, individualista e insensata: somos peças e podemos apenas ser jogados e se conquistamos o direito de sermos jogadores, as regras, metas e as condições são reformuladas segundo interesses que desequilibram o jogo em favor de outra parte.

Com crianças o jogo tem a função de ensiná-las, quanto aos mistérios e desafios da vida, de forma lúdica e simbólica. Lúdica por valorizar o prazer da função do jogo. É preciso realizar o jogo buscando o aperfeiçoamento em um processo que faz sentido, que desafia para um fazer melhor. Considerando minhas próprias experiências e observações de pessoas jogando foi possível perceber que a procura pelo jogo não é menor do que a procura pela

comida, por tanto concordando com João Batista Freire (2005), que diz que o jogo constitui, assim como comer, uma necessidade básica.

Um ponto a se observar é a energia que se gasta quando se está jogando, parece que quem joga não se cansa ou se cansa muito menos do que quem trabalha. Tudo indica que esta seria uma energia extra, de uma reserva necessária para construir a cultura humana. Em crianças o jogo acontece naturalmente, embora seja pouco percebido ou nem se dê conta disso, ele acontece em momentos diversos, em quaisquer distrações, mas por pouco nem se volta ao mundo real quando o jogo ocorre. Com o amadurecimento o ato do jogo se acalma, às vezes fica até um pouco esquecido com tanto afazeres, responsabilidades e correria do dia a dia, mas ele está sempre à espreita. E então na última fase da vida ele volta a ser arrebatador como se não houvesse mais motivos para se esquivar de jogar ou de ser jogado.

Ao observar as crianças jogando e brincando na hora do intervalo ou da recreação é notável o esforço físico que elas fazem em seus jogos de pique pega, futebol, pular corda, e tudo isso sem apresentar qualquer cansaço. Porém quando chega a hora de voltar para a sala de aula e encarar suas obrigações as crianças arrastam-se lentamente para a sala de aula, esgotados. Assim como um homem chega cansadíssimo do trabalho, que faz parte de sua rotina, mas se inicia a época de carnaval o mesmo é capaz de suportar dias de muita agitação pelas ruas enfeitadas.

Entre os humanos, brincar é uma evidência tão forte que chega a ser muito difícil flagrar uma criança deixada livre que não esteja brincando, pois é algo que se faz da maneira mais simples e natural possível, qualquer pedaço de papel pode virar um origami, e ser o começo de uma brincadeira ou um jogo. Mas então como é possível se explicar a energia quase inesgotável do brincar e o esgotamento que se tem com o mesmo tanto de esforço físico quando se está trabalhando ou fazendo algo contra vontade? Talvez o que canse de verdade não seja o esforço físico em si, mas sim a angústia de que estão cheias nossas tarefas cotidianas, mas não os nossos jogos.

Pensando nas ações humanas, é possível notar uma habilidade especial e que nos distingue dos demais seres vivos. Essas habilidades não são objetivamente voltadas para o exterior, mas voltam-se também para o próprio indivíduo o que pode ser chamado também de reflexão, ou consciência. A nossa cultura é um produto desse mundo interior onde

interpretamos internamente o que acontece do lado de fora, e recebemos a partir daí uma educação cultural e socialmente construída.

As crianças tendem a viver conflitando com a realidade, que insiste em chamá-las para atividades sérias, quando na verdade o que elas verdadeiramente querem é ceder aos apelos do mundo das fantasias e da imaginação. Desta forma entendo que o jogo é reconhecido como tal quando está livre de privações, pois nele gasta-se energia sem finalidade aparente. Quando o jogador entrega-se ao jogo, foge da realidade e de seus compromissos imediatos. De fato quem conquista o direito ao tempo livre, rapidamente descarta suas tarefas e entrega-se ao jogo ou atividades prazerosas. Quando escapamos da realidade produzimos cultura e muito dessa cultura é produzida na atividade lúdica.

Esse foi um aspecto da teoria de Winnicott que chamou a atenção de Henri Atlan (1994). A respeito do fenômeno de construção da cultura humana, mencionando a questão do espaço dos jogos transicionais na criança, ele afirma que:

Este espaço potencial é, efetivamente, descrito como o lugar do jogo e da experiência cultural sob todos os aspectos. A cultura, como extensão da idéia de fenômenos transicionais, e que designa aquilo em que ocupamos a maior parte do nosso tempo quando temos prazer naquilo que fazemos, teria assim uma existência de que não está no indivíduo nem a sua volta, no mundo da realidade partilhada... (ATLAN 1994, p.236).

O jogo se impõe a nossa percepção de muitas formas, impõe-se em forma de barulho, movimento ou como silêncio. Piaget (1968a) em seus estudos observava seus próprios filhos. Em certa ocasião notou que um dos pequenos aparentava dormir, mas era apenas fingimento. Ele estava em sua cama, com seu travesseiro, seu cobertor, mas não dormia, apesar da postura e dos olhos fechados de quem dormia, ele apenas fazia de conta. Piaget suspeitou que este pudesse ser o momento em que o símbolo interno estava nascendo na vida da criança. No entanto não poderia afirmar com certeza já que o ambiente em que a criança se encontrava em contato poderia representar não mais que uma evocação sensorial, uma representação mental. Tratava-se sem dúvida, de um jogo, mas não necessariamente de um jogo simbólico, de imaginação.

Alguns dias depois Piaget flagrou novamente seu filho na mesma atitude, porém desta vez ele não estava mais em um ambiente com os objetos típicos de dormir. Mesmo estes

objetos estando ausentes, a criança fingia estar dormindo, então os objetos só poderiam estar na imaginação. A criança jogava desta vez simbolicamente. Ela fazia de conta, imaginava que estava dormindo. O símbolo é esta dimensão de alguma coisa que se fixa dentro e nós e que nos serve para substituí-la em sua ausência.

O fato é que a imaginação é algo que nos move e algo que é preciso. O jogo aparece para que a imaginação possa progredir. Esta é uma evidência demonstrada fartamente pela dedicação que a criança tem ao jogo e a persistência disso nas seguintes fases da vida. Precisamos de um tempo maior entre ter as necessidades e satisfazê-las, ao contrário de outros seres vivos. É desta forma que avançamos com nossas soluções criativas para dar conta de nossa tarefa de viver.

A existência do fenômeno jogo é reconhecida, pois ela é constatada em determinados acontecimentos que envolvem pessoas, animais ou mesmo a natureza de um modo geral, ou seja, de fato acreditamos que ele existe, pois nossa percepção o registra. Sabemos que ele existe por suas manifestações, podemos tocá-lo, ouvi-lo ou até intuí-lo. Nem todos os jogos são iguais, ou pertencentes de uma mesma categoria. Eles são diferentes, é difícil considerar como sendo da mesma categoria uma brincadeira de casinha, jogada por crianças pequenas e um jogo de futebol, praticado por atletas profissionais.

O jogo tanto se trata de uma questão da natureza, já que não apenas seres humanos o jogam como diz respeito à cultura, pois adquire características muito particulares quando somos nós que jogamos. Mesmo que o jogo tenha um objetivo específico, ao jogarmos, somos capazes de atribuir diferentes propostas e desafios para um mesmo jogo, além disso, dificilmente um jogo acontecerá da mesma forma toda vez que é jogado, ele é imprevisível e acontece a partir das habilidades e estratégias utilizadas pelas pessoas envolvidas.

Quanto à estrutura do que é ou não um jogo, é muito difícil estabelecermos pontos que descrevam ou indiquem o que é necessário para que certa atividade seja reconhecida como jogo. Piaget criticaria querer entender o jogo pela análise separada de cada uma de suas partes, ou vê-lo num contexto isolado. Para ele o jogo integra o fenômeno lúdico mais geral, assim como este se inclui na atividade humana como um todo, e só assim, no contexto da totalidade humana, poderia se compreendido:

Do exame dos principais critérios habitualmente utilizados para dissociar o jogo das atividades não lúdicas, ressalta à evidência que o jogo não constitui uma conduta à parte ou um tipo particular de

atividade dentre outras: ele se define somente por uma certa orientação da conduta ou por um pólo geral de toda atividade, caracterizando-se assim cada ação particular por sua situação mais ou menos vizinha desse pólo e pelo modo de equilíbrio entre as tendências polarizadas. (PIAGET, 1978a, p. 188)

A assimilação e a acomodação seriam, para Piaget, os pólos mais gerais e opostos de toda a adaptação humana, donde resultam a aprendizagem e o desenvolvimento humano. O jogo acontece para a criança de tal forma que enfraquece a realidade. Assim aquilo que para criança não pode ser superado na atividade séria, ou perdeu tanto sua força no jogo que foi eliminado, ou enfraqueceu-se o suficiente e foi superado.

O que pode ser notado é que o jogo é uma unidade complexa e não deve ser analisado a partir de afirmações ou negações, pois isso o reduziria às suas particularidades. O jogo não encontra limites e se comporta como arranjos e combinações que podem ser formadas a cada instante. Portanto há uma tendência de orientação do jogo que depende do contexto em que se aplica. Não se pode conceber para o jogo, qualidades tão particulares que não seriam encontradas em outras atividades humanas. É o que Morin (1987 P.113) afirma quando diz: "Por mais diferentes que possam ser os elementos ou indivíduos que constituem um sistema, tem pelo menos, uma identidade comum de pertença à unidade global e de obediência às suas regras organizacionais."

Embora haja vários jogos, de tipos e objetivos diferentes, quando vemos um acontecendo somos capazes de identificá-lo como jogo. Nesta perspectiva Morin diz ainda que "A organização dum sistema é a organização das diferenças. Estabelece relações complementares entre as partes diferentes e diversas, bem como entre as partes e o todo" (MORIN, 1987, p. 113)

É importante que se busque o significado do jogo, não na caracterização infundável de partes que o compõem, mas sim na identificação dos contextos em que ocorre. Assim o jogo seria constituído por interações entre partes quaisquer tendendo numa certa direção como exemplifica Morin & Moigne (2000, p. 51): "Nós somos constituídos de 30 ou 50 bilhões de células. Mas na verdade nós não somos constituídos de células, somos constituídos de interações de células."

É possível dizer que no jogo o ser humano retomaria o caminho para si mesmo, uma vez que se oporia ao mundo objetivo, o que equivale a retomar o caminho a liberdade. O jogo então tem certa tendência à subjetividade, como bem o aponta Sartre.

“O jogo libera a subjetividade. Que é o jogo, de fato, senão uma atividade cuja origem primordial é o homem, cujos princípios são estabelecidos pelo homem e que não pode ter conseqüências a não ser conforme tais princípios? A partir do momento em que o homem se capta como livre e quer usar sua liberdade, qualquer que possa ser, além disso, sua angústia, sua atividade é de jogo.” (SARTRE, 1999, p. 710).

Estabelece-se aí uma relação conflituosa entre o mundo subjetivo, que incita ao jogo, e o mundo objetivo, que incita ao trabalho, às tarefas, às coisas sérias, conflito esse que permanece por toda a vida, tendendo para o primeiro na infância e para o segundo na vida adulta, pelo menos nas atuais circunstâncias sociais. A figura escolar exemplifica bem essa questão, colocando esse conflito em destaque num momento de grande transição em nossas vidas, de um território profundamente pessoal para um território fortemente socializado.

Poucos são os educadores conseguem ser suficientemente precisos e eficazes na proposição de procedimentos que atuem de forma satisfatória na administração desse conflito. Célestin Freinet propõe que:

“A sabedoria humana já observara que quem brinca bem trabalha bem, porque nesse campo do jogo-trabalho, não existe, como se vê, nenhuma oposição essencial entre jogo e trabalho. Só que, com o uso, essa prática do jogo foi tão pervertida que às vezes evoluiu para formas eminentemente perigosas do ponto de vista individual e social. Psicólogos e pedagogos não souberam levar em conta essa degenerescência; não conseguiram encontrar, em suas fontes, a profunda dignidade do jogo-trabalho; a tal ponto que o adulto se irrita quando vê uma criança brincar em vez de trabalhar.” (FREINET 1978, apud Freire 2005, p. 240)

O jogo não é um caso a parte das demais atividades humanas. Como todas, é vida manifestando-se e, como ela, manifestando-se de maneira típica, apenas quando encontra ambiente propício para isso. É o mundo do espírito, da alma e da subjetividade que acolhe o lúdico e o faz crescer. Quando o indivíduo volta-se para si, livre das amarras da objetividade, pode jogar. O ambiente em que se desenrola o jogo, tipicamente humano, apesar de sua

existência também entre os animais, é o ambiente interior, o mundo da fantasia, um espaço fértil em que se começa a construção do mundo real, do mundo cultural.

Embora as crianças tenham vínculos com o real, quando estão brincando elas fingem e acreditam naquilo que estão fazendo, as crianças levam seu jogo muito a sério. Nota-se que o jogo pode estar acontecendo quando percebemos que a pessoa que está fazendo a atividade não precisaria estar fazendo-a, pois esta não seria objetivamente necessária, portanto, o jogador a faz por que quer e não por obrigação. Sobre o tema, escreveu a professora Gerda Verden-Zoller:

“O jogo nos seres humanos é uma atitude fundamental que é facilmente perdida devida a que requer inocência total. De fato qualquer atividade humana feita em inocência, isto é, qualquer atividade humana feita no momento em que é feita com a atenção nela e não no resultado. Isto é vivida sem propósito ulterior, e sem outra intenção além de sua realização, é jogo...” (MATURANA & VERDEN-ZOLLER, 1994, P.145)

Jogamos quando apenas jogamos até mesmo uma conversa é um jogo quando as pessoas que a realizam apenas conversam e nenhum objetivo há, além disso, nenhum compromisso exterior a essa conversa existe, não se procura nenhuma consequência futura. Saber jogar seria então saber estar em um determinado espaço e em um determinado tempo, e simplesmente estar neles. Entretanto deve-se compreender que essa atividade aparentemente desnecessária, chamada de jogo, somente é desnecessária no sentido do cumprimento de objetivos imediatos. Em outro sentido, porém, ela cumpre papel fundamental na sociedade humana, considerando que ela supre nossa necessidade de imaginação, e conseqüentemente, de cultura.

Jogos e brincadeiras vão além da atividade exercida momentaneamente. Por assim dizer, um jogo não deixa de existir só por que as crianças que jogavam amarelinha tiveram que parar de jogar. Quando isso aconteceu o jogo não terminou, foram as crianças que pararam de brincar, foi apenas a interrupção da manifestação do jogo, assim como quando alguém morre a vida continua.

O papel educativo atribuído ao jogo refere-se quase que exclusivamente ao atributo utilitário que se percebe na atividade lúdica. Neste caso, os alunos, envolvidos pelo clima do jogo, prestam-se a realizar tarefas escolares que, de outra forma, por exemplo, em sala de

aula, não realizariam. Quando o jogo é bem administrado, pode servir a esse fim, desde que a situação lúdica não fique comprometida. Ao ingressarem na escola o processo de socialização das crianças é lento e penoso, por ser um processo constante de renúncia, difícil de ser administrado. A pedagogia utilizada pela escola envolve os alunos em um sério conflito, pois os conteúdos e procedimentos pedagógicos escolares são estranhamente distantes da subjetividade dos alunos, drasticamente socializantes, sem que se crie um espaço de transição favorável a uma socialização menos traumática.

Brougere (1998) percebe uma forte oposição entre a seriedade das tarefas escolares e a futilidade atribuída à atividade lúdica, como se não houvesse a possibilidade educativa para o jogo, Neste sentido ele escreveu: "Se o jogo se opõe a seriedade, dificilmente pode, enquanto tal, recobrir um valor ou uma intenção educativa. Ele vai se distinguir tanto na seriedade quanto na educação, que dizem respeito ao mesmo domínio." (BROUGERE, 1998, p. 53)

Posto que não seja possível caracterizar o jogo apenas pela análise de suas partes, assim encontramos atividades lúdicas extremamente sérias, em alguns momentos de jogo, e outras nada sérias. O homem procura a felicidade e esta não deve ficar reservada a lugares ou momentos isolados, de modo que o aluno, por exemplo, pode ser feliz durante o recreio e infeliz na sala de aula. Não há razão para essa distinção entre jogo e trabalho na escola. Jogos praticados por crianças na rua, no pátio da escola, em espaços tipicamente infantis podem ensinar muito, inclusive desenvolver conceitos como o de justiça ou de bem e de mal e realizar julgamentos morais, então o interessante é que a escola faça adaptações lúdicas que possam desenvolver atitudes morais.

Durante o processo de aprendizagem o jogo ajuda a não deixar esquecer o que foi aprendido. Observando crianças pequenas notamos que, assim que conquistam algum novo conhecimento ou habilidade, logo passam a repeti-lo diversas vezes, demonstrando grande prazer nessa atitude. Quando uma pessoa supera um obstáculo que se impõe, caracterizando uma aprendizagem, o fim desse processo registra o prazer da conquista. Portanto, aquilo que era predominantemente objetivo, na aprendizagem, torna-se predominantemente subjetivo no jogo que ocorre após a aprendizagem.

De tal maneira o jogo faz a manutenção do que foi aprendido. Considerando que o conteúdo do jogo não é inédito, jogamos com as coisas que já internalizamos, quer sejam habilidades motoras, quer sejam sensações ou idéias, assim, quando jogamos, repetimos as

coisas que já conhecemos, mesmo que isso remeta para outros conhecimentos. Enfim o jogo aperfeiçoa o que foi aprendido, a repetição sistemática do jogo inevitavelmente aperfeiçoa as habilidades adquiridas e envolvidas nele, pois essa circularidade facilita o exercício.

Faz-se necessário atentar à hipótese de que o jogo pode ter um caráter educativo por si só, sem ter que estar a serviço de algum procedimento pedagógico, sem que sirva apenas de veículo para suavizar a dureza das tarefas escolares. O jogo é uma das mais educativas atividades humanas, se o considerarmos por essa vertente. Ele educa não para que saibamos mais matemática ou português, mas sim para sermos mais humanos. O jogo tem a propriedade de trazer as experiências do mundo exterior para o espírito humano, de maneira que a cultura possa ser criada, revista, corrigida e ampliada, garantido o ambiente social e cultural de nossa existência.

É preciso que os alunos tenham condições de desenvolver sua autonomia, e esta significa, entre outras coisas, ter a possibilidade de decidir, entre opções, em cada situação, aquela que for julgada pelo sujeito a mais adequada. Para ser autônomo é preciso ter o poder da escolha, neste contexto, a escola, e cada pedagogo deve buscar procedimentos que melhor favoreçam a autonomia e a identidade própria do sujeito, seja por meio de jogos, reflexões, teatro, dança, etc.

Celéstin Freinet foi um dos pedagogos que deram grande valor ao jogo, e certamente teve êxito em sua tarefa de ensinar. Um dos motivos para seu êxito foi ter compreendido que não é necessário separar jogo de trabalho na escola. Além disso, seu trabalho como educador, apontava para o futuro, imaginando que um dia trabalhadores poderiam produzir no lazer, no ócio. Para descrever o ambiente criado por Freinet em suas aulas, pode-se perceber um pouco de seus objetivos educacionais:

As nossas crianças estão mesmo mais calmas aqui do que em família, porque são melhor compreendidas e menos contrariadas nas suas atividades, os grupos ocupam-se em trabalhos diferentes: observação livre, fichas de cálculo, tipografia, desenhos, leitura, trabalhos manuais, envio de correspondência, venda na cooperativa, etc. (FREINET, 1977, p. 361)

Trata-se de uma atividade escolar que envolve jogo e também compromisso, há obrigações, ou seja, há um objetivo além do jogo, e é tudo viabilizado sem descaracterizar o jogo, pois a criança não precisa deixar de ser criança e transformar-se em operária, ela

continua brincando até sem perceber que está trabalhando ou mesmo o contrário, continua trabalhando sem perceber que está brincando. Se bem planejados os conteúdos escolares podem de fato ser ensinados em forma de jogo.

Em brincadeiras, a ação do jogador não é marcada pelo resultado final, pelo compromisso externo, apesar de haver um resultado final e um compromisso. O sentido do jogo se dá muito mais pelo fato de se jogar as peças do jogo sem saber como cairão, e sem saber como se desenrolará exatamente o jogo e muito menos o seu final. Então a partir destas reflexões, trabalhar com o jogo na escola me pareceu uma alternativa muito construtiva, considerando que este pode levar a sala de aula uma aprendizagem cheia de significado e valores que podem servir aos alunos em sua vida em sociedade. Desta forma, vamos apresentar a prática pedagógica com a utilização dos jogos na perspectiva da Economia Solidária.

CAPITULO 2: RELATO DE OBSERVAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

Este trabalho visa relatar as experiências vividas numa sala de aula de 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública do DF. Esta experiência teve como objetivo levar para dentro do processo educativo cotidiano alguns dos conceitos básicos de economia solidária por meio do estímulo à socialização usando brincadeiras, jogos e cooperação entre alunos. Este trabalho tem a intenção de construir novos sentidos, significados, sentimentos e ações para os alunos da turma escolhida utilizando de jogos, projetos, leituras e brincadeiras

Este relato é baseado na minha vivência em Projeto IV realizada no campo da Economia Solidária, a partir do 2º semestre de 2010 com a carga horária de 240 horas. A proposta principal do projeto foi criar 10 oficinas de jogos cooperativos para aplicar em uma turma, e a partir das observações e experiências vivenciadas, entender até que ponto as atividades pedagógicas com jogos permitem a solidariedade entre as crianças.

As reflexões desse capítulo advêm da observação ativa, da entrevista com o diretor e questionário aplicados para os atores da escola, sobre a importância da inserção de projetos na escola, cujas reflexões passo a relatar.

2.1. Relato das observações sobre a escola

Para a realização do estágio, a escola escolhida foi o Celan, Centro de Ensino do Lago Norte. A instituição de ensino tem aulas nos turnos da manhã, tarde e noite, sendo que de manhã é o Ensino Fundamental, 5ª e 6ª séries (6º e 7º ano), à tarde tem ensino infantil até o 4ª série (5º ano) e a noite há EJA.

A partir do Plano Político Pedagógico da escola foi possível ter uma melhor visão da infra-estrutura e propostas que a ela segue. No período matutino são 11 turmas, vespertino 11 turmas e no noturno são 6 turmas. São 980 alunos no total. O Celan é uma escola estadual e possui quadra de esportes, biblioteca, sala de atividades e de altas habilidades, sala de vídeo e de computação, etc. A equipe técnico administrativa é composta por uma diretora e vice-diretor um supervisor pedagógico, uma orientadora educacional, dois coordenadores pedagógicos e três secretárias.

Quanto aos funcionários, a escola conta com 36 professores efetivos e 11 professores em contrato temporário, 8 funcionários da carreira assistência à educação, 11 funcionários da firma terceirizada para educação integral.

Durante a observação, tive a oportunidade de conversar com o vice-diretor quanto às propostas pedagógicas que a escola adota. Ele relatou que a escola segue conforme a Proposta Pedagógica:

Segundo seu relato, o Centro Educacional do Lago Norte busca seguir um projeto que socialize com a comunidade escolar como um todo, procurando sempre dar espaço para que todos participem das atividades desenvolvidas, desta forma conhecemos melhor a realidade das pessoas que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. O projeto político pedagógico existe, mas não é inflexível, e sim uma construção que requer a ação responsável de todos. Esse fazer democrático na escola ocorre pela mudança das práticas sociais que são aqui construídas.

Tem-se então como objetivo a necessidade de ampliação dos espaços de participação e discussão, respeitando as diferenças de interesses dos diversos envolvidos, o projeto está articulado ao compromisso sociopolítico, com os interesses reais e coletivos. Os planejamentos dos projetos desenvolvidos no CELAN estão voltados para gerar a reflexão, curiosidade, investigação e criatividade dos alunos. Exemplos destes projetos são o "Luz do saber" que estimula os alunos a ler e também escrever suas próprias histórias e o projeto "Coleta seletiva" que tem o papel de conscientizar os alunos sobre a importância de manter a escola limpa e com isso ainda ajudar o planeta.

A escola, na perspectiva da construção da cidadania, busca levar em conta a cultura da própria comunidade, e o que o aluno já traz consigo. Somente assim podemos propor ações que atendam a expectativa da comunidade e que ajudem o aluno a se tornar um cidadão capaz de intervir na sua realidade, a fim de transformá-la. O plano tem como objetivo criar cidadãos aptos para se relacionar de forma saudável com o outro, respeitando limites e tendo consciência de que seu esforço gera frutos, tendo em vista não apenas a realização individual, mas sua realização coletiva.

A partir da fala do diretor, percebemos que há realmente uma preocupação com a comunidade. A partir da interação da escola com o contexto em que está inserida é possível entender melhor a realidade dos alunos. Também foi interessante notar que há na escola a proposta de projetos que incentivam os alunos a aprender e desenvolver habilidades também

em outros espaços além da sala de aula. Essa entrevista mostra que, de fato, a escola está disposta a investir em uma educação para a vida, que incentiva a aprendizagem dos alunos e os torne cidadãos competentes e aptos para a vida em sociedade.

Após a análise do plano político pedagógico, pude observar com mais profundidade o ambiente escolar. A escola segue o plano pedagógico e o que está previsto no calendário das escolas públicas. O ambiente escolar é carente e a maioria dos alunos é proveniente do Varjão, onde o índice de violência é altíssimo. Desta forma muitas das crianças convivem constantemente com más influências e vêm de perto atividades que envolvem drogas, bebidas alcoólicas, etc. Infelizmente isso faz parte da realidade dos alunos, e muitas dessas influências se refletem dentro da escola, pois é grande o número de casos de pequenos furtos e vandalismo.

Entretanto nota-se que é grande o esforço feito para que os alunos tenham condições de diferenciar o certo do errado e escolham o melhor caminho a seguir. A escola tem semanas temáticas, e durante estas, as professoras chegam mais cedo na escola para enfeitar e organizar o que for preciso. Presenciei a hora cívica, um espaço para lembrar também dos projetos e temas de reflexão. O tema para reflexão no caso seria a semana para a vida, estimulando o respeito ao próximo e a solidariedade. Esses momentos de reflexão são importantes, tendo em vista que é de interesse da escola agregar valores como o respeito entre alunos e funcionários em geral.

Os professores procuravam manter ações cooperativas para que nenhum ficasse sobrecarregado, uma de suas afirmações é que os estudantes não eram alunos apenas de uma professora ou professor e sim da escola, então todos os professores e funcionários poderiam atuar de forma coercitiva em relação aos alunos. Fui bem acolhida pela equipe docente, e me foi dado espaço o suficiente para ajudar da melhor forma possível, e fazer todas as atividades que tinha em mente.

Conversando com algumas professoras, pude aferir que a maioria dos pais dos alunos era de baixa renda e desta forma muitos tinham uma jornada intensa de trabalho. Os familiares dos alunos acabavam então tendo pouca presença e acompanhamento dos filhos na escola. Através desta observação pude perceber que a vida desses familiares era regulada pelo trabalho. O tempo de trabalho era então primordial, os outros tempos ficavam à beira do

processo de produção. Esta situação era visível, quando marcavam reuniões com os responsáveis das crianças e poucos compareciam.

Os professores adotavam diversos projetos que favoreciam a socialização dos alunos, e percebendo que estes estimulavam a aprendizagem das crianças, apliquei um questionário, para verificar a importância desses projetos na escola. Os diretores e coordenadores estavam sempre presentes durante as atividades dos alunos, dando avisos de sala em sala e verificando se estava tudo bem. Sendo assim, estavam presentes e dispostos a responder ao questionário. Que serviu para que eu pudesse entender melhor como os projetos da escola funcionavam e quais eram os impactos que eles tinham sobre os alunos e professores. Outro ponto de discussão foi quanto à estrutura escolar e as maiores dificuldades vivenciadas na escola.

Foram nove questionários aplicados, a maioria dos participantes eram professores do sexo feminino, eles apontaram como principais projetos utilizados os projetos da **Horta** que está voltada ao ensino do manejo do solo, alimentação saudável, como cultivar hortaliças, ajudando a trazer o estudo do solo para a sala de aula e também discutir as propriedades e benefícios dos alimentos. **Luz do saber** tendo como objetivo o Incentivo da leitura e estímulo para que o aluno se torne um leitor criador. Estimulando a leitura de livros do interesse do aluno, que são emprestados pela biblioteca. **Capoeira:** Esta atividade exercita o corpo e a mente. Visando despertar no aluno a consciência de seu corpo, além do respeito ao próximo, disciplina e o companheirismo. O projeto **Coleta Seletiva**, desperta nos alunos o comprometimento de manter a escola o mais limpa possível promovendo também a coleta seletiva, um bom assunto de estudo para ser articulado com o conteúdo previsto em sala de aula. **O projeto Altas Habilidades** identifica e seleciona alunos que tenham o QI acima da média. Os alunos fazem vários testes e tem uma sala de recursos onde podem se destacar em áreas como matemática, robótica, poesia, música entre outros.

Analisando os questionários, os maiores impactos causados pelos projetos têm relação com a conscientização dos alunos e a ter respeito pelo próximo, através do esporte além de estabelecer certa disciplina e o cumprimento de regras. O projeto ãA Luz do Saberõ visa o incentivo a leitura e melhorar o aprendizado a partir da motivação que os alunos recebem para superar os obstáculos enfrentados na aprendizagem da língua portuguesa.

A Horta traz ensinamento quanto à alimentação saudável, como lidar com o solo, e dá subsídios para a aprendizagem de ciências e o meio ambiente. Através do projeto ãAltas

Habilidades é possível descobrir inúmeros talentos que os alunos tem e não tiveram a oportunidade de descobri-los em sala de aula. Tanto na música, poesia, robótica, informática etc. Com a coleta seletiva os alunos são conscientizados que é preciso o esforço de todos para que a escola fique mais limpa e agradável além de ajudar o meio ambiente e o planeta com esse ato de cidadania.

Os participantes do questionário concordaram que há integração e articulação de todos, e que é de interesse de toda a comunidade escolar que os projetos dêem certo para melhorar a qualidade de ensino aprendizagem dos alunos na escola. As tomadas de decisão e elaboração de projetos são feitas coletivamente, professores também podem dar opinião, e então tudo é decidido após reunião com todo o corpo docente, desta forma os projetos tem mais apoio e interesse. Essa questão evidencia também a prática da autogestão na escola.

Quanto à estrutura escolar, foi destacado que várias reformas e melhorias foram feitas, como na quadra de esportes, pista de atletismo e várias salas de aula. Com essas reformas, foi percebido um maior interesse por parte dos alunos em se exercitar, além de fazer da escola um ambiente mais agradável para todo o corpo docente. Com relação às dificuldades encontradas na escola a maioria citou as questões de alunos indisciplinados, fora da faixa etária indicada para cada série e pais ausentes. As soluções encontradas foram fazer reuniões com os pais, e tentar convencê-los de que a escola, alunos, pais e professores devem caminhar juntos para que o ensino seja de qualidade e forme verdadeiros cidadãos.

A escola buscava envolver a comunidade escolar, através de comemorações, tais como a festa junina, festa da família, dia das crianças etc. Também havia passeios escolares ao cinema, zoológico, que visavam uma aprendizagem fora das quatro paredes da sala de aula. Os projetos foram importantes para favorecer a inserção dos jogos cooperativos na minha prática pedagógica.

2.2. Relato sobre a sala de aula

No estágio da prática pedagógica a intenção era trabalhar com os jogos cooperativos para favorecer o processo de ensino aprendizagem e que permitisse desenvolver ações solidárias e de cooperação, por meio da aplicação de oficinas com a intenção de reforçar valores solidários e cooperativos durante a socialização dos alunos em sala de aula. A turma escolhida foi de série inicial do ensino fundamental, 3º ano, 2ª série. A turma continha 30 alunos, na faixa etária entre sete e oito anos.

Com base na observação destaquei que nem todos os pais eram ativos na escola e observei que os alunos que tinham os pais mais presentes, se diferenciavam um pouco dos demais, pois eram mais disciplinados e aplicados, tinham comprometimento dentro de sala de aula. No início da aula os alunos sempre ficavam em fila e só entravam na sala, quando a maioria já havia chegado e a professora já havia arrumado a sala. Pude perceber uma divisão de grupos dentro da sala de aula, um grupo executava com mais facilidade as atividades propostas pela professora, e outro grupo encontrava-se com maior dificuldade na realização destas tarefas. Era necessário que a professora separasse atividades diferenciadas para cada grupo.

Para que todos os alunos pudessem participar das atividades, a professora dividia o tempo de aula de forma que, era passada a tarefa em quadro para todos os alunos, e enquanto eles a copiavam, ela dava alguma atividade para os alunos que ela percebia que estavam com dificuldade, esses normalmente sentiam dificuldade na escrita e leitura.

Durante as aulas notei a importância dos projetos na escola, a partir do momento em que eles eram articulados tornando a aula interdisciplinar. Esses projetos, como foi visto, baseavam-se no respeito ao próximo, cordialidade entre alunos, professores e funcionários e adquirir valores para uma vida respeitosa em sociedade.

Observando umas de suas aulas, e a partir dos pressupostos de alguns projetos, a professora da turma escolhida pode incorporar, a sua aula de português, algumas atividades relacionadas aos temas. A turma foi separada em duplas e uma história em quadrinhos foi contada. Esta história tinha elementos sobre fazer o bem e o mal. E a partir daí foi montada uma tabela pelos próprios alunos.

CERTO	ERRADO
Respeito por todos	Bater nos colegas
Ser amigo	Mentir
Não bater	Provocar Bullying
Ajudar	Roubar
Não xingar	Matar (pessoas e animais)

Com base na tabela os alunos foram questionados sobre o que se deve fazer para evitar o mau comportamento. E todos chegaram à conclusão de que se deve pensar muito bem e várias vezes antes de agir. Também foi bastante interessante propor aos alunos que distinguíssem o que era certo e o que era errado criando situações adversas, por exemplo:

Pergunta: É certo empurrar o colega?

Resposta: Não!

Pergunta: "É certo empurrar o colega pra ele não ser atropelado?"

Resposta: Sim!

Essas e outras situações foram trabalhadas para que os alunos tivessem um pensamento crítico do que é certo e errado, e não manter os conceitos como algo estático. Como Freinet (1975) sugere, é preciso dar um espaço para a criança ter e expor suas idéias, compartilhar, criar, tudo partindo do coletivo, criando juntos métodos de avaliação.

Alguns dos alunos que precisavam de atenção especial faziam atividades que pudessem estimular a leitura e a escrita, poucos destes tinham dificuldade em matemática também. Estes alunos eram mais dispersos e constantemente estavam envolvidos em pequenos conflitos em sala de aula. Como era difícil resolver todas as intrigas então comecei a pensar em uma forma que pudesse evitar as discussões.

A interdisciplinaridade foi determinante para se estabelecer o diálogo entre conhecimentos dispersos, fazendo os alunos chegarem a uma compreensão de mundo o mais globalizadora possível. Para tanto, segundo Morin (1987:30) "o operador do conhecimento deve tornar-se, ao mesmo tempo, o objeto e o agente do conhecimento".

Notei que um aluno disperso criava muita intriga com a maioria das meninas, mas sempre estava perto delas, então propus para a professora que organizássemos as duplas de forma que evitássemos o contato direto desses alunos. Elaborei um esquema de duplas em que os que tivessem dificuldade estivessem sempre ao lado de um que pudesse ajudá-los, desta forma a professora não precisava estar sempre se dividindo durante a aula. Houve uma cooperação entre os alunos mais e menos aplicados, pois eles se ajudavam.

Conforme iam passando os dias, modificamos um pouco a disposição das duplas, para aperfeiçoar o movimento cooperativo e evitar eventuais conversas e dispersões que ocorriam durante as aulas. Desta forma o ambiente na sala de aula ficou consideravelmente mais tranquilo e pudemos ver o resultado também no rendimento dos exercícios propostos.

Como afirma Gadotti, "não há duas escolas iguais, cada escola é fruto do desenvolvimento de suas contradições". (GADOTTI, 1997: 57). A autonomia dos educandos em suas vivências cooperativas, entretanto, é decisiva para o processo de construção da consciência participativa: "O papel importante da autonomia (self-government) é o processo de socialização gradual das crianças.

Quanto à mudança, na disposição dos alunos e carteiras, a professora ficou um pouco apreensiva, pois julgava que os alunos que se comportavam e eram mais aplicados, deveriam ter como prêmio, o direito de sentar com quem quisessem, e seria uma espécie de castigo se ela os colocasse sentados com alunos menos aplicados e bagunceiros. A meu ver este seria, na verdade, um paradigma escolar, pois não é de hoje que acontece esse tipo de separação e julgamento que propõe que alunos com menos rendimento, podem acabar influenciando mal õbonsõ alunos.

Felizmente esta percepção pôde ser alterada, e o que percebemos com a nova forma de organizar a sala, foi que, ao contrário do que se pensava, quem influenciou os alunos dispersos, foram os alunos aplicados. Com o ambiente criado, foi possível propiciar momentos de cooperação entre os alunos, esta aconteceu de forma natural e eficiente. Além disso, a professora não precisava mais dividir seu tempo de forma tão constante.

Quando me acostumei com a turma, vi a importância de saber o nome de cada um dos alunos, assim pude intervir de forma mais pessoal com as crianças, entendi que para chamar a atenção delas o mínimo que tinha que saber eram seus nomes. Os alunos, em sua maioria, eram carentes e frequentemente solicitavam minha atenção e da professora, o que acabava por tumultuar a aula.

Eles tinham entre sete e nove anos e era uma turma fácil de lidar, a partir do momento em que se organizou a sala e foram estabelecidos alguns acordos, um desses foi sempre levantar a mão antes de falar, e somente ir ao banheiro um de cada vez, assim evitamos gritos e muitas pessoas andando pela sala.

Preocupei-me em não impor medidas aos alunos, tudo era conversado e experimentado. Seguindo um pensamento de Freinet, o poder não deve estar centrado no professor, o professor deve ter clareza de sua missão, mas esta é aberta para vários caminhos que são construídos no õfazer.õ

Aquela nova disposição da sala ajudou a respeitar a hora de prestar atenção, de socializar, de fazer alguma pergunta ou observação, etc. Foi feito um cartão que servia para ir ao banheiro ou beber água, dessa forma quem quisesse ir teria que estar com o cartão, foi interessante notar que eles respeitavam esse combinado e também a vez de cada um, quem voltava do banheiro já entregava o cartão para o próximo.

Durante o tempo de regência procurei, além de saber o nome deles, saber também do que cada um gostava mais. As respostas mais citadas envolviam ler histórias, desenhar e brincar. Sabendo disso iniciei a primeira aula contando algumas histórias e pedindo para que desenhassem suas representações enquanto escutavam, neste momento foi possível usar alguns valores da Economia Solidária, ressaltando a cooperação e solidariedade nas histórias contadas.

Foi crucial considerar a situação e contexto dos estudantes, pois vi que eles tinham diferentes interesses ao ir à escola e fora da escola também. Freinet considerava bem esses aspectos, ainda mais quando se trata de uma classe popular. Para Freinet não existia tempo certo para aprender algo, não se separava por etapas ou faixas etárias, analisava-se toda a trajetória da criança. Conhecer a escola e observar sua dinâmica inicialmente foi essencial para conhecer um pouco melhor a história dos alunos.

Para que alguns conceitos da Economia Solidária possam ser abordados com crianças é importante que seja de forma interessante, que prenda a atenção da criança e a deixe confortável para dividir o que está pensando. Daí a importância de se saber um pouco mais do contexto e gostos que cada criança tem naquele determinado lugar.

Vygotski (1988) indica brinquedos e brincadeiras como indispensáveis para a criação da situação imaginária. Revela que o imaginário só se desenvolve quando se dispõe de experiências que se reorganizam. Quando usamos jogos que demandam certo grau de cooperação instigamos as crianças a ter atitudes mais solidárias, esse também é um dos objetivos a ser alcançado através da realização das oficinas.

Pensando nisso, elaborei então oficinas com jogos que servissem para colocar seus conhecimentos em prática e também que tivessem significado, e que pudessem proporcionar momentos de troca e cooperação. Os jogos tinham objetivos específicos diferenciados. Para cada jogo escolhi grupos de alunos que iriam jogá-lo. Também houve rotatividade de participantes e número de jogadores, para que todos tivessem a oportunidade de experimentar todos os jogos. Além disso, a turma foi dividida para fazer entrevistas pela escola e elaborar o Jornal do CELAN.

CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DOS JOGOS COOPERATIVOS

O objetivo deste capítulo é primeiramente descrever cada jogo e seu intuito e posteriormente mostrar a importância dos jogos cooperativos aplicados visando uma melhor socialização das crianças.

3.1. Descrição dos jogos

Foram 10 Jogos Cooperativos e Solidários propostos. A maioria dos jogos foi uma adaptação de jogos já conhecidos pelos alunos. Essa adaptação deu condições para transformá-los em instrumentos capazes de reforçar a aprendizagem já adquirida e incentivar que os alunos tivessem atitudes solidárias, respeitadas e cooperativas uns com os outros. Também se esperava promover a interação, de forma amigável, entre os alunos e a cooperação no decorrer dos jogos, além de reforçar a aprendizagem de forma cognitiva. Os jogos propostos, e suas respectivas regras foram estas:

Jogo da memória (2 a 4 jogadores): O jogo da memória implica em colocar todas as peças do jogo viradas para baixo, neste jogo existem imagens de Brasília e os alunos devem se atentar aos nomes e lugares das imagens para que possam formar os pares das figuras. O objetivo do jogo é que os alunos prestem atenção nos movimentos uns dos outros, e respeitem a ordem das jogadas, além disso, cada aluno teria 3 chances de pedir ajuda aos outros, assim os demais poderiam e lembrar uns aos outros onde as figuras iguais se encontravam.

Jogo do Mais ou Menos (2 jogadores): Neste jogo há uma régua enumerada de 1 a 13 de um lado e de 13 a 1 do outro. É necessário que os dois participantes possuam dois dados enumerados de 1 a 6, eles devem jogar os dados e somar um dado com o outro, a soma que obterem deverá ser marcada na régua, se um número já tiver sido obtido pela soma os dados deverão ser subtraídos um do outro, ganha quem completar os números primeiro. O objetivo do jogo é que os alunos que tem dificuldade em matemática possam somar os dados de forma natural, os alunos podem se ajudar caso haja alguma dúvida.

Jogo da Régua solidária (2 a 4 jogadores): Em uma régua haverá nomes como: solidariedade, ajuda ao próximo, meio ambiente, cooperação, etc., e representações correspondentes. Os alunos receberão cartõezinhos com os respectivos nomes da régua. Desta forma os alunos serão estimulados a reconhecer as imagens dos cartões e identificar a forma

escrita das imagens. Os alunos devem reconhecer a imagem primeiramente para depois poder colocá-las nos devidos lugares. Aquele que tiver mais facilidade para ligar imagem ao nome pode ajudar o colega.

Dominó (2 a 6 jogadores): Este jogo é bem conhecido e é realmente o mais comum deles, a diferença é que em vez de pontos havia números, ele serviu para familiarizar as crianças que ainda não conheciam o dominó e conseguirem jogar os dominós de somar e subtrair.

Dominó de somar (2 a 6 jogadores): Se trata de um dominó em que as peças contêm números (resultados) em uma metade e continhas de somar na outra metade. As peças devem ser colocadas de forma a se relacionarem com os resultados das contas. Os alunos devem estar atentos para que todos façam as contas certas, para que o jogo possa terminar sem que falte ou sobre peças.

Dominó de subtrair (2 a 6 jogadores): Funciona da mesma forma que o dominó de somar, a diferença é que as continhas são de subtrair.

Jogo da tranca (2 a 10 jogadores): Neste jogo os jogadores terão cartões com várias formas geométricas coloridas e com letras dentro das formas. Várias peças estarão espalhadas viradas para baixo, quem começa a jogar desvira uma peça e verifica se aquela se assemelha a alguma das formas de seu cartão. Caso contrário vira novamente a peça e passa a vez, os demais jogadores deverão ficar atentos a formas e lugares das peças, pois quando chegar sua vez podem pegar aquelas que se encaixam nos perfis das formas em seus cartões. Objetivo: O jogo só termina quando todos os alunos completam suas fichas, os alunos que forem completando as suas, podem ajudar os que ainda não completaram, desta forma todos cooperam entre si.

Jogo da roleta solidária (2 a 8 jogadores): Neste jogo haverá uma roleta enumerada de 1 a 5 e um símbolo de estrela. Cada jogador receberá uma ficha com uma palavra. Alguns exemplos de palavras são: cooperação, solidariedade, desenvolvimento, sustentável, meio ambiente, economia etc. O jogador deve girar a roleta, de acordo com o número alcançado deve pegar na caixa papeizinhos, esses papéis estarão virados para baixo e neles haverá letras, se as letras tiradas tiverem correspondência a alguma letra da palavra, ela deve ser colocada em cima da letra da palavra da ficha. Se ao girar a seta da roleta cair em uma estrela, esta poderá corresponder a qualquer letra. O objetivo é que os alunos reconheçam as letras que

formam as palavras e socializar suas dificuldades a fim de sanar suas dúvidas. Ao final do jogo todos devem completar suas palavras.

Jogo da adedonha solidária (2 a 4 jogadores): Neste jogo as crianças pegarão cartões que terão perguntas do tipo õmês com a letra Dö, então as crianças deverão adivinhar e formar a resposta com as letras contidas em uma caixa. Se faltar alguma letra para algum jogador é permitido que pegue do colega ao lado. As palavras devem ser escritas de forma correta. Assim os alunos podem intervir se acharem que a escrita é de outra forma que não a apresentada. O objetivo é que os alunos compartilhem conhecimento e formem as respostas.

Jogo do todos iguais (3 jogadores): Este jogo pode ser jogado com três pessoas. Neste jogo há desenhos de três bonecos, estes estão cada um com um número diferente de dinheiro e objetos para vender. Os objetos têm seus preços expostos. Inicialmente o primeiro boneco tem R\$ 10,00 em dinheiro, nove quilos de feijão, cada quilo custando dois reais e seis bolas que custam dez reais cada. O segundo boneco tem R\$ 20,00, seis carrinhos que custam dez reais cada e nove cordas de pular que custam três reais cada. O terceiro boneco tem 60 reais e nove quilos de balinha por cinco reais.

O objetivo do jogo é que, todos contem quanto possuem e ao final todos os três bonecos fiquem com quantidades parecidas de dinheiro, sendo este em espécie e também pelo valor dos objetos que cada um terá. Durante esse processo os alunos devem vender objetos e comprar uns dos outros. Todos devem possuir de tudo um pouco independente da quantidade.

Elaboração do jornal do CELAN: Este projeto foi elaborado para que os alunos se conectassem um pouco mais com a realidade de sua escola. A elaboração do jornal se deu após uma aula de gêneros literários, estava sendo estudada a reportagem.

3.2. Aplicação dos jogos cooperativos

Os jogos foram aplicados a partir de 10 oficinas, no período vespertino, durante o estágio. As oficinas ocupavam apenas a primeira parte da aula, e após aplicar os jogos as crianças retomavam suas atividades escolares cotidianas.

No primeiro dia de oficina a sala foi organizada, de modo que dois grandes grupos jogaram o jogo da tranca e o jogo da roleta. Foram 12 crianças para jogar o jogo da tranca e dez para jogar o da roleta, em cada grupo havia dois alunos escolhidos para serem auxiliares.

Antes de começarem a jogar expliquei as regras para cada grupo. Os alunos auxiliares se responsabilizaram por colocar ordem nos jogos. Enquanto jogavam os alunos estavam empolgados e demonstravam competitividade, porém eu reforçava que objetivo dos jogos não era perder ou ganhar e sim ajudar e cooperar, para que assim todos terminem o jogo.

No segundo dia de oficina dividi a sala em pequenos grupos para que jogassem outros jogos, quem ainda não tivesse jogado os do dia anterior jogava neste dia, os jogos foram dois *mais ou menos* com dois jogadores, a tranca com oito jogadores, também o jogo *Todos iguais* com três jogadores e dois auxiliares e *adêdonha* com seis jogadores. Durante a realização destes jogos os alunos já sabiam que deveriam ajudar os colegas, e também demonstraram mais respeito à ordem de jogada. Os alunos que auxiliavam mostravam-se responsáveis e estavam atentos, para que nenhum perdesse a vez de jogar.

Durante o terceiro dia os alunos que já conheciam as regras dos jogos serviam de monitores para auxiliar na realização dos jogos com outros alunos. Neste dia foram jogados os jogos da régua com dois alunos, *Dominó de subtrair* com seis, o de somar com seis, dois jogos de *mais ou menos* com dois jogadores cada, e o da tranca com dez. Esses jogos tinham como característica contas de soma e subtração e percebi que alguns alunos gostaram dos jogos, porém outros acharam trabalhoso fazer contas enquanto jogavam. Estes logo perderam o interesse no jogo e pediram para jogar outra coisa. Esta talvez tenha sido uma situação em a ludicidade do jogo foi perdida por conta de sua intenção parcialmente conteudista.

No quarto dia de oficina os jogos realizados foram o da *Roleta* com oito pessoas, *adêdonha* com seis, dois jogos do *Todos iguais* com três alunos e dois auxiliares, *dominó de somar* com seis e o de subtrair com seis. Neste dia também houve alunos que não gostaram dos jogos de *dominó*, mas mesmo assim jogaram e ajudaram quem teve dificuldade com as contas. Já o jogo da *Roleta Solidária* teve grande aceitação pelos alunos, que davam dicas uns aos outros e comemoravam quando completavam suas palavras.

O quinto dia de oficina teve o jogo do *Todos iguais* com três alunos e dois auxiliares, o da *adêdonha* com seis, dois jogos do *mais ou menos*, jogo da memória com quatro jogadores e o da régua com dois alunos. Esses jogos eram um pouco mais complicados, mas os alunos gostaram de poder fazer trocas entre si e pedir letras emprestadas para formarem suas palavras.

E finalmente no sexto dia começamos a elaboração do Jornal do CELAN, que demorou cerca de uma semana devido às várias entrevistas realizadas. Para a realização do Jornal do Celan os alunos foram divididos em grupos e tinham algumas questões para averiguarem. Essa idéia surgiu durante uma aula e para tanto era necessário que criássemos temas de entrevistas. Os temas foram elaborados por todos e após certo tempo estavam definidos, os quais seriam:

Cantina: (Há um cardápio? Como é possível saber o que terá pro lanche no dia seguinte?)	Lâmpadas e materiais quebrados (Quem é o responsável? Como evitar?)
Reforma da escola: (O que alunos e professores pensam sobre o assunto?)	Uniforme (Todos os alunos estão usando o uniforme? Se não qual seria o motivo)
Horta (Qual a importância da horta? Os alunos gostam dela?)	Greve dos funcionários (Por que estão fazendo a greve?)
Falta de professores (Por que há tanta falta de professores? O que os coordenadores e diretores poderiam fazer?)	Pichação (Qual a opinião de professores alunos e funcionários sobre isso?)

Os temas foram divididos em grupos, e os alunos puderam escolher na medida do possível, que tema mais os interessava. Após serem acertados os grupos, todos saíram de sala para suas pesquisas de campo. Durante a elaboração do jornal os alunos estavam realmente engajados a entrevistar e averiguar a situação que se encontrava a escola. Foram persistentes e trouxeram informações privilegiadas sobre a escola, além de disso, oferecemos um espaço para quadros cômicos e elaboração de poesias de autoria dos próprios alunos para serem colocadas no jornal

3. 3. Considerações sobre as oficinas de jogos cooperativos

Pude observar durante a realização das atividades, sobretudo a cooperação que se estabeleceu durante a prática dos jogos Durante as oficinas tentei sempre deixar alunos menos e mais aplicados juntos, para que assim houvesse mais cooperação entre os estudantes. Foi importante observar que alguns se interessavam mais por uns jogos que por outros. Com isso vi que as crianças jogavam de forma muito mais comprometida aquilo que tinham vontade.

Procurei elaborar Jogos com uma estrutura diferenciada na qual os participantes jogavam uns com os outros e não uns contra os outros. Seguindo as regras de cada Jogo, os

jogadores precisam exercitar diversas práticas sociais de convivência para superarem desafios comuns e, juntos, atingirem os objetivos.

A educação pode ser entendida como uma ação cooperativa. Isso significa dizer que, tendo em vista a aprendizagem como um processo cooperativo de descoberta do conhecimento, esse só ocorre como resultado de uma socialização, uma construção coletiva. Coerente com a afirmação de Sara Paim de que "todo o conhecimento é o conhecimento do outro", entende-se que a própria identidade do sujeito humano depende da existência de outras pessoas, pois é na relação com os outros que o ser humano se reconhece enquanto individualidade (PAIM, 1992).

Notei que os alunos, a partir das atividades com jogos, respeitavam a vez do outro, ajudavam o colega que estava com dificuldade, coordenavam para que todos jogassem conforme as regras e ao mesmo tempo praticavam a cooperação. Assim os alunos estavam colocando seus conhecimentos em prática de forma muito mais solidária. Essa cooperação, inclusive, já havia começado a ser trabalhada desde que organizamos a sala de forma que os alunos se ajudassem. Quanto a isso coloco um pensamento de Vigotsky sugere ão que as crianças podem fazer com assistência de outros, pode ser em algum sentido um indicativo ainda melhor do seu desenvolvimento mental do que o que elas pode fazer sozinhasö (LEV VYGOTSKY, 1989)

A prática dos jogos em grupos representou então um instrumento favorável e eficaz para a integração dos participantes, para aperfeiçoar a comunicação, organizar ações, promover vínculos de confiança, atingir metas comuns, propor soluções, gerir conflitos e construir coletivamente suas experiências. O fato de estarem experimentando formas diferentes de adquirir conhecimento e estarem sempre se movimentando para experimentar novos jogos também foi de grande importância para o sucesso das oficinas. As oficinas puderam despertar a curiosidade e instigar os alunos a ver do que elas se tratavam, e também avaliarem quais eram os jogos que mais os interessavam.

O intuito das oficinas não foi criar competitividade, mas sim cooperação. Colocando os alunos em uma disposição que favorecesse a partilha de conhecimento houve benefícios para todos da turma, resolvemos inclusive alguns desentendimentos frequentes entre alunos. As atividades assumiram um papel fundamental na própria transmissão de valores e

constituíram-se verdadeiros instrumentos de socialização. O educar é construir junto, como já dizia Célestin Freinet.

Quando partimos para a elaboração do Jornal, os alunos estavam muito interessados, e anotavam tudo que ouviam nas entrevistas. Durante as aulas, era comum alguns alunos pedirem licença para contarem piadas para os colegas, então ficaram animadas quando propusemos que eles escrevessem algumas delas para colocarmos no Jornal. Outros alunos se interessaram em fazer poesias. Essa experiência foi muito produtiva e contou com a participação de vários funcionários, assim os alunos, além de entenderem melhor o funcionamento da escola, também puderam socializar com pessoas de seu contexto escolar.

(õ...) A educação para a cidadania dá-se na participação no processo de tomada de decisão. (GADOTTI, 1997: 57). Além da oportunidade dos alunos terem os seus próprios espaços de decisão, em forma de experiência cooperativa, as escolas poderiam oferecer maiores condições efetivas de participação aos alunos nas decisões que dizem respeito à escola.

A partir dessa relação que os alunos puderam ter com o ambiente escolar, e seus atores, elas se sentiram mais a vontade para fazer perguntas e estavam realmente dispostas a ir atrás das respostas que faltavam em suas entrevistas. Essa relação aluno/escola é muito importante, pois assim os alunos tiveram condições de entender que aquele espaço é construído a partir de vários fatores e decisões que cabem a pessoas diversas e dizem respeito a todos da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa experiência pude perceber que por meio de jogos e brincadeiras a criança aprende a cultivar valores, ser mais solidária, cooperar e é desse modo que ela se prepara para a vida e amadurece para tornar-se um adulto em seu meio social.

É no brincar que a criança pode, sem riscos, inventar, expressar-se, buscar e se conhecer para dar significação ao mundo que a cerca, e é também nessa interação que ela busca saídas para situações que em ambientes reais ela encontraria dificuldades. Para Freinet (1975) o afeto também é essencial, fazer da escola uma extensão de sua casa e da família, um lugar para socializar naturalmente.

A partir do momento que a criança se comunica com as outras para o bem comum, vemos que essa brincadeira acaba agregando aos alunos valores para a vida. A brincadeira permite a criança se inserir no espaço escolar com mais flexibilidade e mostrar-se mais solidária, cooperativa e comunicativa.

Recuperando o papel socializador dos jogos e brincadeiras, acredito que tais práticas lúdicas têm um grande potencial na promoção de novas relações sociais, sobretudo junto a crianças, no âmbito da educação infantil em escolas. Foi possível difundir valores ligados à coletividade, solidariedade, inclusão, igualdade, valorização, emancipação humana, cooperação, autogestão, comunicação e afetividade

Para as crianças que agora começam a aprender os primeiros passos do que é pertencer a um grupo social, essa é uma maneira bastante eficiente de se edificar uma sociedade mais solidária, mais eficiente do que os recursos políticos tradicionais, excessivamente verbais e racionalistas. Este relatório buscou mostrar então, que através de brincadeiras, projetos e a interdisciplinaridade é possível acontecer o ensino aprendizagem de forma significativa.

Nesse sentido, os jogos e projetos se inserem num conjunto de atividades sociais de importante valor simbólico que questionam a ideologia social hegemônica. Ao fazer isso, também promovem experiências reais de cooperação por meio da construção de idéias,

sentidos, signos, sensações e corpos capazes de responder às intensidades dessas novas experiências.

Através do questionário aplicado foi possível identificar questões muito interessantes, pude conhecer melhor a realidade do local e perceber como é importante a existência de projetos e a cooperação de todos para que sejam realizados. Além disso, pude observar que toda a equipe docente e os funcionários têm uma relação bem articulada, visando a disciplina e bom relacionamento dos alunos.

Nessa compreensão de educação, a interdisciplinaridade que relacionou jogos projetos e entrevistas favoreceu construção do conhecimento. A aprendizagem, segundo Marques "é construção coletiva assumida por grupos específicos na dinâmica mais ampla da sociedade, que por sua vez, se constrói a partir das aprendizagens individuais e grupais. (...)

Refletindo a partir desta premissa entende-se que não se ensinam ou aprendem coisas senão com base em relações estabelecidas a partir do entendimento mútuo. Os alunos tiveram a oportunidade de brincar juntos, e aprender juntos trazendo para a sala de aula aprendizagens que partiram de suas descobertas e da relação estabelecida uns com os outros.

REFERÊNCIAS

- ATLAN, Henri (1994). *Com razão ou sem ela*. Lisboa, Instituto Piaget.
- BROUGERE, Gilles (1998). *Jogo e educação*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- CIVITA, Victor (ed.) **Os melhores jogos do mundo**. São Paulo: Abril, 1978.
- FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**, 4. ed. Lisboa: Estampa, 1975.
- FREINET, Célestin. O método natural I: a aprendizagem da língua. Lisboa, Estampa, 1977.
- FREIRE, João Batista *O jogo: entre o riso e choro*. São Paulo. Autores Associados, 2005.
- GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- MARQUES, Mário Osório. *Conhecimento e Modernidade em Reconstrução*. Ijuí: Editora Unijuí, 1993.
- MORIN, Edgar (1987). *O método, vol I: a natureza da natureza*. Lisboa. Europa-América.
- PAIM, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas da aprendizagem*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992.
- PIAGET, Jean (1978a). *A formação do símbolo na criança, imitação, jogo e sonho. Imagem e representação*. Rio de Janeiro, Zahar.
- SAWAIA, Bader B. Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999, 7-15. 156 p.
- SINGER, Paul. Economia solidária. In: CATTANI, Antônio David. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003
- A economia Solidária como ato pedagógico In KRUPPA Sonia Maria Portella (org), Brasília: Inep, 2005 140 p.
- VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2. Ed., 1988.

ANEXOS

Anexo1: JORNAL DO CELAN

(Produzido pelos alunos do 3º ano A)

Alunos do 3º ano tiveram a iniciativa de fazer uma pesquisa, a partir de entrevistas, para entender um pouco melhor como acontecem as os processos na escola. Os próprios alunos sugeriram temas, que foram:

Cantina: (Há um cardápio? Como é possível saber o que terá pro lanche no dia seguinte?)	Lâmpadas e materiais quebrados (Quem é o responsável? Como evitar?)
Reforma da escola: (Qual a importância da reforma para a escola?)	Uniforme (Todos os alunos estão usando o uniforme? Se não qual seria o motivo)
Horta (Qual a importância da Horta? Os alunos gostam dela?)	Greve dos funcionários (Por que estão fazendo a greve?)
Falta de professores (Por que há tanta falta de professores? O que os coordenadores e diretores poderiam fazer?)	Pichação (Qual a opinião de professores alunos e funcionários sobre isso?)

Os alunos se dividiram em pequenos grupos, e foram entrevistar pessoas relacionadas com os temas. Os entrevistados foram professores, merendeiros, coordenadores, alunos entre outros. Confira abaixo o resultado das pesquisas e entrevistas feitas.

- **Cantina: (Há um cardápio? Como é possível saber o que terá pro lanche no dia seguinte?)**

Foram entrevistadas algumas merendeiras. As mesmas afirmaram que o lanche varia de um dia para o outro, porém não há um cardápio certo. É preciso verificar os alimentos disponíveis. Os alunos opinam que seria melhor se houvesse um cardápio pelo menos por a semana.

- **Reforma da escola: (Qual a importância da reforma para a escola?)**

Salas estavam sendo reformadas, e para saber um pouco mais sobre o assunto os alunos entrevistaram o diretor do Celan. Segundo o diretor era preciso reformar as salas, pois estavam com buracos no chão, paredes descascando, vidros quebrados, etc. Com a reforma não só alunos serão beneficiados, mas também professores, contribuindo para um clima de motivação na instituição.

- **Horta (Qual a importância da horta? Os alunos gostam dela?)**

Professores e alunos foram entrevistados quanto à importância da Horta. Todos concordaram que a horta traz grandes benefícios na hora de estudar conteúdos relacionados à ciências, geografia, entre outros, pois junta conhecimentos práticos aos teóricos, e os alunos gostam de trabalhar na horta.

- **Falta de professores (Por que há tanta falta de professores? O que os coordenadores e diretores poderiam fazer?)**

O orientador e o coordenador pedagógico foram entrevistados e contaram que muitos professores ficam doentes, e alguns outros tiram a licença prêmio. Quando ocorrem essas situações o que pode ser feito é contatar a secretaria de educação para que sejam mandados professores de contrato temporário para substituir essas carências.

- **Lâmpadas e materiais quebrados (Quem é o responsável? Como evitar?)**

Os servidores da limpeza foram os entrevistados. Eles contam que os maiores responsáveis são os próprios alunos, é constante a ocorrência lâmpadas, telhas e vidros e cadeiras quebradas. Para evitar essa situação eles sugerem que os alunos tenham cuidado e evitem jogar bola no pátio além de se conscientizarem de que a escola os materiais são de uso de todos.

- **Uniforme (Todos os alunos estão usando o uniforme? Se não qual seria o motivo)**

Os alunos observaram nas salas se havia alunos sem uniforme, e de fato tinham alguns. A maioria dos alunos sem uniforme afirmou que estavam esperando que os uniformes chegassem à escola, para que os pais pudessem comprá-los.

- **Greve dos funcionários (Por que estão fazendo a greve?)**

Foi entrevistado o vice-diretor, e ele falou que grande parte das vezes que os funcionários entram em greve é por que não há o cumprimento dos acordos do contrato. Pode ser em relação ao vale transporte, vale alimentação, salário, etc.

- **Pichação (Qual a opinião de professores alunos e funcionários sobre isso?)**

Professores concordam que a pichação vem de alunos indisciplinados. Os servidores contam que dá muito trabalho limpar as pichações e que para que isso fosse minimizado seria preciso conscientizar os alunos através de palestras e acordos, já que o aluno pode ser suspenso por causa desses atos de vandalismo.

Anexo 2

QUESTIONÁRIO PARA COMUNIDADE PEDAGOGICA CELAN

1. Qual é a sua função/ocupação?

- Professor(a)
- Coordenador(a) Pedagógico(a) escolar >PASSE PARA A QUESTÃO 3
- Diretor(a) escolar > PASSE PARA A QUESTÃO 3
- Outra atividade inerente ao contexto escolar > PASSE PARA A QUESTÃO 3
- Outra atividade ligada à educação, mas fora do contexto escolar > PASSE PARA A QUESTÃO 3

2. Em que área da educação ministra aulas? (PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental (anos iniciais: 1º ao 5º ano)
- Ensino Fundamental (anos finais: 6º ao 9º ano)

3. Sexo: Masculino Feminino

4.Turno: Matutino Vespertino

5 Quais são os projetos que a escola utiliza na escola?

6 Que impacto os projetos causam na instituição?

7 Há integração e articulação na escola para que todos estejam envolvidos nos projetos?

8 As tomadas de decisão e elaboração de projetos são baseadas apenas no diretor ou decididas coletivamente?

9 Foram feitas melhorias no espaço físico da instituição tendo em vista um melhor atendimento dos alunos?

10 Liste as principais dificuldades e as soluções que foram encontradas para dificuldades na escola.

Anexo 3 ó Foto dos momentos de aplicação das oficinas na escola Celan





PARTE III
PERSPECTIVAS PARA A MINHA ATUAÇÃO APÓS A GRADUAÇÃO

Propostas para o Futuro como Pedagoga

A graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília me proporcionou momentos de profunda aprendizagem e reflexão, e mais do que isso, me proporcionou a descoberta de mim mesma, e das pessoas que me cercam. A partir das experiências que tive em minha graduação pude entender melhor as pessoas, o processo de desenvolvimento das crianças e que cada um tem sua individualidade e características únicas que devem ser postas em destaque, pois somente assim poderemos de fato compreender alguém e ensinar da melhor forma. Também durante a graduação pude contar com ajuda de vários colegas e amigos e percebi assim que somos mais fortes, diante das dificuldades, se estamos acompanhados, juntando forças. Durante todo esse processo aprendi mais sobre quem sou e o que me incomoda na educação, como eu gostaria de mudá-la e como o professor pode ter um papel decisivo na vida escolar e pessoal de um aluno.

Minha visão de mundo mudou imensamente durante curso, abri meus olhos para novos conceitos e conhecimentos, deixando de lado preconceitos e entendendo que cada especificidade é algo que deve ser tratado de forma respeitável. Também pude compreender que são vários os agentes que fazem a escola ser o que ela é. A escola é um reflexo da nossa sociedade, e da mesma forma que a sociedade pode refletir na escola a escola também pode refletir na sociedade, e daí vem a importância de uma educação significativa, cada vez mais humana, solidária, compreensiva e cooperativa. Se pudermos fazer da escola um espaço realmente de construção de conhecimentos e de aprendizagem de valores, então os alunos sairão da escola como verdadeiros cidadãos de paz.

As experiências que tive em sala de aula, tanto na educação infantil quanto nas séries iniciais me serviram de incentivo pra atuar em sala de aula. Foi realmente muito gratificante instigar o aprendizado das crianças das mais diversas formas e ver que havia resultado em todo aquele esforço. Tive muito incentivo por parte da minha mãe que é pedagoga e ama sua profissão de ensinar. Não estou decidida a dar aula ainda, mas a uma grande chance que eu busque esta vertente pedagógica. Também tenho interesse em fazer concursos públicos na área de pedagogia, porém ainda não amadureci a idéia. Certamente um dos meus planos é ter a oportunidade de trabalhar ao lado da minha mãe, pois ela sempre me apoiou muito e tem muita experiência para dividir comigo, então essa possibilidade me interessa bastante.

Professores têm um grande papel na sociedade e assim como eu nunca me esqueci de diversos professores que marcaram minha vida escolar, sei que um dia também posso ser essa professora marcante na vida de outros alunos. Sei também da importância do estudo na vida de qualquer ser humano, e para que eu possa estar sempre atualizada e empenhada em meu papel pedagógico, julgo importantíssimo que eu tenha uma formação continuada, pois só assim poderei cada vez mais contribuir para a melhora da sociedade, ensinando os valores e princípios que o curso de Pedagogia da UnB me ensinou. Dito isso tenho a intenção de fazer mestrado e me especializar em alguma área. Com a realização da monografia não me restou muito tempo para de fato refletir sobre essa questão, mas o mestrado é algo que estou disposta e tenho muita vontade de fazer.